

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Ciências Sociais

A BAIXA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO BRASIL:
QUAIS FATORES DETERMINANTES QUE INTERFEREM NESTE PROBLEMA? QUAL
PODEMOS PRIORIZAR PARA UMA AÇÃO EFETIVA?

DELMIRO SOARES

Orientador: Alexandre Silva Virgínio

Porto Alegre

2014

DELMIRO SOARES

A BAIXA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO BRASIL:
QUAIS FATORES DETERMINANTES QUE INTERFEREM NESTE PROBLEMA? QUAL
PODEMOS PRIORIZAR PARA UMA AÇÃO EFETIVA?

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, sob
orientação do professor Dr. Alexandre
Silva Virginio.

Porto Alegre

2014

SOARES, DELMIRO

A BAIXA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: QUAIS
FATORES DETERMINANTES QUE INTERFEREM NESTE PROBLEMA?
QUAL PODEMOS PRIORIZAR PARA UMA AÇÃO EFETIVA? /
DELMIRO SOARES. -- 2014.

75 f.

Orientador: ALEXANDRE SILVA VIRGINIO.

Coorientadora: BRUNA CRUZ DE ANHAIA.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. EDUCAÇÃO. 2. QUALIDADE. 3. APRENDIZAGEM. I.
VIRGINIO, ALEXANDRE SILVA, orient. II. ANHAIA, BRUNA
CRUZ DE, coorient. III. Título.

À Rosa, pela paciência, pela dedicação, e pela força espiritual que dedicou para que eu conseguisse chegar ao final desta graduação.

À Rhuany, minha filha e parceira destes quatro anos me alentando e dizendo para caminharmos juntos que chegaríamos ao final.

Ao Fábio, por ter servido também de exemplo e dedicação responsável com relação à educação.

À Adelayde e Darci por terem me dado a direção da retitude na minha infância.

Dedico também a todos os jovens alunos deste Brasil que clamam por uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque muitas pessoas colaboraram e apoiaram a sua realização me direcionando e interagindo.

Agradeço especialmente ao professor Dr. Alexandre da Silva Virgínio, na condição de meu orientador, por dedicação do seu tempo e participação no direcionamento de dúvidas e correções de caminhos para a formatação final e qualidade do trabalho.

Agradeço a Professora Bruna Anhaia, na condição de minha avaliadora, pela presteza com que atendeu à solicitação para revisar e avaliar este trabalho, sendo para mim altamente qualificada para essa avaliação e direcionamento.

A Escola Estadual Cristóvão Colombo por ter me recebido e aberto as portas para o meu estágio, sem me direcionar, tendo confiança no meu trabalho e me dando liberdade de poder trabalhar com seus alunos.

Agradeço também a Rosa, esposa e companheira, que caminhou comigo e me apoiou nesta jornada difícil e cansativa.

A Rhuany e ao Fábio, por terem acreditado que poderíamos juntos concluirmos mais esta etapa de nossas vidas, por me incentivar e ajudar, e assim podermos concluirmos juntos a graduação.

Aos meus pais, Darci e Adelayde, semi analfabetos, por terem me dado a direção da educação com retidão e empenho, sempre cuidando para que esta direção fosse a do sucesso.

A todos os alunos e alunas do meu estágio, por permitirem que eu ocupasse um espaço de diálogo com eles, sempre acreditando no que eu compartilhava nas aulas.

A todos os meus familiares, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, cunhados, cunhadas, aos amigos Cremonini, Joel e Ricardo Botti, enfim todos que fazem parte da minha vida e participaram comigo desta vitória.

A Expedita e Antonio (in memoriam) por terem me ensinado, mesmo sendo analfabetos, o valor da lealdade, ética e moral, valores estes tão escassos hoje na sociedade. Aprendi muito com vocês. Obrigado.

“Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, os objetivos de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”
(István Mészáros).

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar os resultados parciais e totais obtidos pelas escolas públicas em avaliações oficiais da educação básica. Esse trabalho analisou a relação existente entre os baixos resultados nos exames institucionais da educação escolar no Brasil, os pequenos avanços nos índices de aproveitamento escolar e a, ainda, baixa qualidade da educação básica, comprovada por diversos indicadores, nacionais e internacionais. Para tanto, utilizou-se os dados oficiais que servem de parâmetro para a promoção de políticas públicas para a área educacional, como os resultados da Prova Brasil, do ENEM e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Tentaremos encontrar, neste trabalho, que fatores podem estar influenciando o ritmo com que o Brasil se propõe para atingir as metas estipuladas. Como a educação, enquanto um direito social, está priorizada pelo governo e por educadores preocupados em melhorar esta qualidade. Por que, apesar de intervenções diretas e programas na área de educação, o nível de aprendizagem continuar ainda muito longe do que seria o ideal, conforme as metas estabelecidas pelo governo? Priorizou-se a verificação de dados da qualidade do ensino nos níveis finais do ensino fundamental e médio, sobretudo devido à relevância de seu papel como etapa de transição entre a educação básica e o ensino superior. A pesquisa empírica foi necessária para que pudéssemos, junto aos atores principais, alunos e professores, verificar que contribuições poderiam ser dadas por eles para reverter, com maior rapidez, os índices de baixa qualidade apresentados, sobretudo, nas avaliações no Brasil. Duas questões podem ser colocadas: i) Que fator ou quais fatores podem ainda estar influenciando para esta baixa qualidade na educação? e; ii) Como nós educadores, podemos contribuir para mudar este quadro?

Palavras-chave: Educação; Política; Aprendizagem ; Qualidade; Conhecimento

ABSTRACT

The objective of this work was to analyze the total and partial results obtained by public schools in official evaluations of basic education. This work examined the relationship between the low result of institutional exams of school education in Brazil, the small advances in school improvement indices and the low quality of basic education, attested by several national and international indicators. To this end, was used the official data that serve as a parameter for the promotion of public policies for the educational area, as the results of the “Prova Brasil”, “ENEM” and the Evaluation System of Basic Education (SAEB). We will try to find, in this work, what factors may be influencing the pace with which the Brazil intends to achieve the goals set out. Such as education, as a social right, is prioritized by the Government and by educators concerned with improving this quality. Why despite direct interventions and programs in the education area, which the factor that could be contributing to the level of learning to continue a long way than would be ideal, according to the goals established by the Government? It was prioritized the data verification of the quality of teaching in the final levels of elementary and secondary education, mainly due to the relevance of his role as transitional step between basic education and high education. A empirical research was necessary so that we could with the main actors, students and teachers, to verify that contributions could be given for them to try to find a way to begin to reverse more quickly the low quality indexes showed, particularly, of the education evaluation in Brazil. Two questions can be asked: i) What factor or factors may still be influencing for this low quality in education? and; ii) How we educators, we can to do to change this problem?

Keywords: Education; Politics; Learning; Quality; Knowledge

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Número de Docentes com curso Superior atuando na Educação Básica.
- Tabela 2 – Ensino Médio – Recursos Disponíveis por Escola.
- Tabela 3 – Evolução do Aprendizado nas escolas Brasileiras – 5º ano do ensino fundamental
Variação do percentual de alunos com aprendizado adequado (%).
- Tabela 4 – Evolução do Aprendizado nas escolas Brasileiras – 9º ano do ensino fundamental
Variação do percentual de alunos com aprendizado adequado (%).
- Tabela 5 – Evolução do Aprendizado nas escolas Brasileiras – 3º ano do ensino médio
Variação do percentual de alunos com aprendizado adequado (%).
- Tabela 6 - Distribuição dos alunos por Escala de Aprendizado – Português e Matemática 9º
Ano – Escolas Estaduais e Municipais.
- Tabela 7 - Distribuição dos alunos por Escala de Proficiência nas Escolas Municipais –
Português.
- Tabela 8 - Distribuição dos alunos por Escala de Proficiência nas Escolas Estaduais –
Matemática.
- Tabela 9 – Distribuição dos alunos por Escala de Proficiência em todas as escolas – 9º ano
Português.
- Tabela 10 – Distribuição dos alunos por Escala de Proficiência em todas as escolas – 9º Ano
Matemática.
- Tabela 11 – Ideb Observado Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Todas as escolas - do
ano de 2005 até 2011 em relação à meta projetada pelo MEC para 2021.
- Tabela 12 – Ideb Observado Anos Finais do Ensino Fundamental – Todas as escolas - do ano
de 2005 até 2011 em relação à meta projetada pelo MEC para 2021.
- Tabela 13 - Ideb Observado no Ensino Médio – Todas as escolas - do ano de 2005 até 2011
em relação à meta projetada pelo MEC para 2021.
- Tabela 14 – Ideb Observado 9º ano Ensino Fundamental – Todos os Estados - do ano de 2005
até 2011 em relação à meta projetada pelo MEC para 2021.
- Tabela 15 – Alunos com aprendizado adequado vs. metas para 2011 (%) 5º ano do
fundamental.
- Tabela 16 – Alunos com aprendizado adequado vs. metas para 2011 (%) 9º ano do ensino
fundamental.
- Tabela 17 – Alunos com Aprendizado Adequado vs. metas para 2011 (%) 3º ano do ensino
médio.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Classificação de Classe Sociais no Brasil.

Gráfico 02 – Desempenho Escolar nos Estados – Níveis de Proficiência.

Gráfico 03 – Proporção de Alunos com nível de aprendizado adequado por Estado - Matemática no 5º ano.

Gráfico 04 – Proporção de Alunos com nível de aprendizado adequado por Estado - Matemática no 9º ano.

Gráfico 05 – Proporção de Alunos com nível de aprendizado adequado por Estado - Português no 5º ano.

Gráfico 06 – Proporção de Alunos com nível de aprendizado adequado por Estado - Português no 9º ano.

Gráfico 07 – Comparação por Nível de Abandono Escolar no Mercosul.

Gráfico 08 - Em sua opinião, qual a matéria é considerada mais difícil.

Gráfico 09 - Em sua opinião, qual matéria deveria ser suprimida na reforma do Currículo do Ensino Médio?

Gráfico 10 - Em sua opinião, qual matéria deveria ter seu tempo de aula aumentado:

Gráfico 11 - Com relação ao Ensino Politécnico, em sua opinião ele:

Gráfico 12 - O Brasil tem um sistema de avaliação do seu ensino Fundamental e Médio, na avaliação do ENEM, se avalia as matérias de Matemática, Português e Ciências. O Enem se refere a avaliação do:

Gráfico 13 - Você considera o sistema de avaliação por notas (Notas de 0 a 10):

Gráfico 14 - Você considera o sistema de Avaliação Emancipatória (CSA , CPA , CRA):

Gráfico 15 - Em sua opinião, a educação Brasileira é: (Qualidade do ensino) :

Gráfico 16 - Em sua opinião, os professores nesta escola são:

Gráfico 17 - Em sua opinião, você considera a escola que você estuda:

Gráfico 18 - Quanto a cor de sua pele ou raça, você se considera:

Gráfico 19 - Quanto a sua classe social, você se considera:

Gráfico 20 - Com referência a disciplina dentro das escolas (Bulling, agressão, violência, etc) em sua opinião ela:

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário que foi aplicado aos alunos referente a pesquisa sobre a qualidade na educação.

Apêndice 2 – Pontos destacados pelos professores entrevistados nas escolas, referente à questão feita a eles sobre a qualidade da educação no Brasil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PIB – Produto Interno Bruto

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE - Plano Nacional de Educação

RDH - Relatório de Desenvolvimento Humano

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

TPE – Todos pela Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. Introdução	13
1.1 apresentação do Tema.....	13
1.2 Problema de Pesquisa.....	14
1.3 Justificativa.....	19
1.4 Objetivos	20
1.4.1 Geral	20
1.4.2 Específicos	21
1.5 Hipóteses.....	21
1.6 Métodos e Técnicas de Pesquisa - Dados Oficiais e Pesquisa Empírica	21
2. Revisão Bibliográfica	22
3. Referencial Teórico	26
4. A Realidade Empírica	33
4.1 Dados estatísticos sobre fatores que podem influenciar a educação.....	33
4.2 Dados de Pesquisa	37
4.2.1 Metodologia Utilizada	37
4.2.2 Análise de Dados quanto ao nível de aprendizado no Brasil.....	39
4.2.3 Análise de Dados quanto ao nível de proficiência no Brasil.....	41
4.2.4 Análise de Dados quanto as metas a serem atingidas pelo Governo.....	43
4.2.5 Análise de Dados quanto a desigualdade no Brasil entre os Estados	44
5. A Pesquisa Empírica	45
5.1 Da Pesquisa Empírica - Método Utilizado	46
5.2.Área da Pesquisa - Currículo e Disciplinas.....	46
5.3.Área da Pesquisa - Avaliação e Sistema	47
5.4.Área da Pesquisa - Professor, Escola e Educação.....	48
5.5.Área da Pesquisa - Violência e Classe Social	48
5.6.Área da Pesquisa - Entrevista com os Professores.....	49
6. Conclusão	50
7. Referências Bibliográficas	54
8. Anexos	57
9. Apêndices	70

1. Introdução

Tentar refletir sobre a qualidade da educação em nosso país é algo desafiador devido, primeiramente, a ser um tema complexo e, mais propriamente, devido a sua fundamental relevância. Falar em qualidade da educação implica, *a priori*, uma discussão complexa que implica tanto o como mensurar esta qualidade, quanto questões de ordem política. Isto não impede, todavia, que façamos alguns questionamentos como: Por qual razão o Brasil continua com uma educação de baixa qualidade? Quais fatores podem estar interferindo na mesma? Por que, apesar de vários programas e ações, a educação básica resiste em não melhorar adequadamente sua qualidade conforme as metas estipuladas pelo governo?

Neste trabalho buscou-se verificar se temos, hoje, como avançar mais rapidamente no sentido de atingirmos um melhor ensino aos alunos e às necessidades do país. Analisou-se o panorama de nossa educação tanto a partir de índices nacionais, como internacionais, dialogando com a percepção dos alunos e dos professores em relação a esta problemática. Abarcou-se igualmente, nesta discussão, leituras de cunho teórico sobre o tema para, sobretudo, tentar encontrar fatores que possam estar contribuindo para este retardo em conseguirmos uma melhor qualidade da educação, especialmente nas instituições públicas de ensino.

1.1 Apresentação do Tema

O problema a que se propõe este trabalho – encontrar um ou mais fatores que possam ser trabalhados para melhorar a qualidade da educação – não é, de modo algum, recente. É possível perceber uma intensificação de produções que se preocupam com estas temáticas nos últimos anos, como exemplo o documento emitido pelo MEC/INEP denominado: A Qualidade da Educação: Conceitos e Definições e do CONAE (Conferencia Nacional para a Educação): O Desafio da Qualidade da Educação, além de vários educadores como: Juarez Dayrell, Sandra Corazza, Hannah Arendt, entre outros, todos focados em contribuir para encontrarmos o caminho de resolver este que é um problema que atinge a todos. Neste sentido presenciamos iniciativas, como por exemplo, o da organização ‘Todos pela Educação’ (TPE); (Que na realidade é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip)). Como tal, desenvolve um conjunto de ações destinadas a diagnosticar a realidade educacional brasileira e/ou a propor ações, articulações ou pautas associadas ao tema da educação). Seu programa que está incluso dentro do Plano Nacional da Educação (PNE), lançado em

24/04/2007 e aprovado em 03/06/2014, e que estabelece como meta que, até o ano de 2022, o Brasil atinja indicadores educacionais na educação básica iguais aos de países desenvolvidos. Neste período, deve-se elevar dos atuais níveis em média de 3,7, para o nível 6, que é a média do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o IDEB é um indicador recentemente criado como metodologia para avaliar o desempenho dos alunos dos ensinos fundamental e médio e que leva em conta o rendimento, a taxa de repetência e a evasão escolar.

Temos desafios ainda não resolvidos e novas demandas sobre a educação que requerem contínua atenção, pois muitas delas estão associadas as mudanças do mundo globalizado. Na atualidade, a discussão central sobre a educação recai sobre o currículo escolar na perspectiva de que o mesmo deixe de estar associado simplesmente ao ensino de conteúdos. Isto significa dizer que talvez tenhamos que discutir a própria finalidade da educação básica, tornando-a mais interessante para o aluno e almejando, cada vez mais, uma educação aliançada com a formação para a vida em sociedade.

A preocupação sobre a qualidade da nossa educação parece ser objeto de ações e discussões recorrentes em nosso país. No entanto, não se registram avanços consideráveis para isolar uma provável causa, entre tantas que influenciam na qualidade da educação, que possa estar interferindo para que nossos índices educacionais não melhorem como esperado. Diferentes estudos evidenciam que o ensino público brasileiro persegue um horizonte favorável, de ajudar na formação do cidadão, de mostrar ao aluno que é necessário alcançar um nível escolar desejável que lhe permita obter sucesso, pelo menos em relação às avaliações em que ele é submetido anualmente. Em sentido correlato, defendemos a perspectiva de que cabe ao Estado averiguar por qual razão, apesar de todas as políticas públicas em curso, isto não está acontecendo em um ritmo mais acelerado.

1.2 Problemas de Pesquisa

No decorrer deste trabalho, foi feito uma análise dos níveis de proficiência e aprendizado compreendido entre o período de 2003 à 2011. Da mesma forma, buscamos analisar em que sentido este baixo nível de aprendizagem interfere na progressão do aluno, o que influenciaria em sua trajetória profissional e/ou mobilidade social. O Brasil assumiu como meta, nos últimos anos, diminuir as desigualdades escolares. Uma das raízes desta desigualdade pode ser oriunda, principalmente, de uma alta evasão escolar e da baixa qualidade do ensino em nosso país, segundo os dados do SAEB no período de 2003 à 2011.

Conforme os estudos do DIEESE, parece haver uma forte relação entre o nível escolar de uma população e a geração de emprego, com o crescimento da própria pessoa e com o crescimento do país. A globalização exige, nos dias atuais, uma maior escolarização dos indivíduos, pois esta é necessária devido ao avanço muito rápido de novas tecnologias. Assim, pode-se dizer que a qualidade na educação é um fator indutor e base do crescimento econômico, tanto quanto da qualidade dos termos que regem a convivência social.

Desta forma, como causas prováveis de nossos tímidos indicadores educacionais, temos vários estudos que destacam principalmente os seguintes pontos: a) O baixo investimento na educação (apesar de ter melhorado um pouco nos últimos anos); b) O baixo salário de professores; c) As manifestações de incivilidade e violência nas escolas e; d) A falta de perspectiva profissional por parte dos alunos e também professores. Infelizmente, estamos constantemente à procura de uma solução que seja rápida, ou até milagrosa para resolver o problema da baixa qualidade do nosso ensino, mas para uma solução, será preciso um pouco mais tempo. Com relação a perspectiva profissional dos alunos Sposito e Galvão dizem que

[...] a grande força que move é sua adesão a um projeto de continuidade de estudos, se preparar para o vestibular, ou a perspectiva de voltar-se para uma melhor interação com o mundo do trabalho. Essas duas alternativas não se propunham como antagônicas na medida em que o universo juvenil não consegue sua transição para a vida adulta de forma linear: ora o trabalho aparece como o caminho, ora é a continuidade dos estudos que prevalece como objetivo. (SPOSITO & GALVÃO, 2004, p.374).

Há, ademais, um certo discurso de responsabilização dos professores pelo fraco desempenho da nossa educação. Neste sentido, tal representação não considera a historicidade subjacente a nossa atual realidade educacional. Temos ações e diretrizes implementadas nas escolas, muitas vezes de forma direta, sem consulta aos docentes e políticas de educação que parecem se mostrar equivocadas quanto ao cerne o problema. Entretanto, o que ocorre é que as mesmas são feitas para dar cobertura a todos os níveis conceituados que interferem na qualidade da educação, como se estes níveis pudessem ser tratados, igualmente, não levando em conta as diferenças regionais e/ou dos níveis e etapas de nossa educação básica. Com este foco geral, não se atinge o objetivo esperado, ou seja, ações que foram implantadas e cumpridas - como a garantia de ampliação das verbas sendo um exemplo - não foram satisfatórias em sua plenitude para melhorar de uma forma imediata a qualidade da educação no país. Assim conforme Lahire (2004), ações gerais podem não surtir efeitos por que

[...] se quisermos considerar a escola em seus aspectos mais singulares, será necessário estudar as relações que se estabelecem entre alunos singulares e professores com características relativamente singulares (homens ou mulheres, jovens ou velhos, crianças de classe alta, média ou das classes populares, seguidores de determinada pedagogia, etc.), em contextos pedagógicos sempre singulares (estilo pedagógico da escola, características da população escolarizada, modo de inserção da escola no tecido urbano, etc.).[...] Talvez seja necessário tentar descobrir, agora do lado da escola, a diversidade de situações e apontar para os contextos mais favoráveis ao sucesso escolar das crianças dos meios populares (Lahire, 2004 s.p.).

Acredita-se também que a escola e o currículo devem se converter em espaços de construção de saberes, competências e habilidades do indivíduo, e não apenas de transmissão de conhecimentos. Do currículo escolar poucos são aqueles que esperam que o mesmo tenha tão somente a função de documento burocrático e técnico nas escolas. Atualmente o mesmo é assumido como parte constituinte e essencial na construção da identidade da escola, dos professores e dos alunos. Por essa razão ele nunca poderá ser considerado amorfo ou neutro,

[...] um currículo é o que dizemos e fazemos [...]. Com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço. Um “espectro” que remete a todos os nossos outros, e exprime nossa sujeição ao “Outro” da linguagem. Um currículo é a precariedade dos seres multifacéticos e polimorfos que somos. Nossa própria linguagem contemporânea, que constitui uma pletera de “eus” e de “não eus”, que falam e são silenciados em um currículo. (CORAZZA, 2001, p.14).

Da mesma forma, Moreira (2008) analisa os processos de seleção dos conteúdos que devem estar presentes nos currículos:

[...] de quem são os conhecimentos usualmente escolhidos? A quem eles beneficiam, e a quem eles prejudicam? Então, essa pergunta é uma das que eu penso que deve contribuir para nortear as decisões que o professor venha a tomar em sua sala de aula em relação aos conhecimentos. Eu diria que é importante que ele, esse professor, selecione conhecimentos relevantes, conhecimentos que contribuam para que o estudante possa se situar bem no seu ambiente mediato, possa ir além desse ambiente mediato, buscando novos horizontes, ampliando, portanto, suas experiências, e compreendendo melhor o mundo em que se situa (MOREIRA, 2008 s.p.).

Quando falamos em educação, temos que trazer Paulo Freire e a grande preocupação que este educador sempre teve com a qualidade da mesma. Na obra *Pedagogia da Autonomia*, o autor une em uma só produção as suas indagações e preocupações com a educação, colocando os principais motivos que considera para analisar a prática pedagógica do professor em relação ao desenvolvimento da autonomia de ser e de saber do aluno com que trabalha. Ele propõe ao professor uma mudança de comportamento, em virtude de que o educador,

além de atuar em sala de aula como professor de matérias de currículo, também possa conscientizar, orientar e preparar seus alunos para a vida, direcionando os mesmos para os caminhos corretos, caminhos que podem levar estes alunos no futuro, a serem cidadãos com senso crítico, que tenham não só inteligência mas também valores. O professor não pode ser apenas aquele que ensina, mas aquele que ensina e aprende também ao ensinar, o professor deve estar aberto a compreender também a realidade de seus alunos. Nesta obra Freire destaca que para que isto ocorra é necessário que o professor tenha uma metodologia rigorosa, bem como uma consciência clara de seu papel em sala de aula. É então que o autor explica que

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (Freire, 2002, p.12).

Esta interação sobre as práticas e modelos pedagógicos é uma necessidade da educação no momento atual, assim é necessária uma pesquisa sobre os fatores influentes na e da qualidade da educação. Para Freire, “Não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino” (2002). Este ponto é o que temos que analisar mais profundamente, as ações são implementadas, mas os resultados não são os esperados. Ao falarmos sobre a qualidade da educação, temos que verificar se

As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis – a da coerência. [...] A prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão (Freire, 2002, p.27).

Assim,

[...] a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (PIAGET *apud* NEVES, 2011 s.p.).

Nesse novo contexto educativo, onde os profissionais atuam de forma coletiva, os sujeitos são confrontados com a necessidade de uma aprendizagem constante ao longo da vida, com o estabelecimento de novos conceitos e novas formas de conceber a educação. O educador dos novos tempos de acordo com Nóvoa (1995),

[...] deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p.25).

Falamos muito em desigualdades ainda existentes em nosso país, e o acesso à educação (de qualidade) é uma delas, isto é, se tomarmos os resultados das avaliações institucionais na comparação entre a educação pública com a privada. Esta desigualdade na educação influencia em outros índices sociais. Um dos mais importantes e que está diretamente ligado ao bem estar social, é com relação à questão emprego e salário, desta forma, vejamos os dados a seguir.

Mas estatísticas de diferentes instituições como Fundação Getulio Vargas, Ibmecc Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo apontam para uma tendência cruel: filhos de pais analfabetos têm apenas 1% de chance de se graduar. Entre os filhos de pais com ensino superior completo, 60% concluem a universidade. No outro extremo, 34% dos filhos de analfabetos não chegam a aprender a ler e a escrever (CARDOSO, 2010, p.2).

Analisando os dois pontos acima da pesquisa, percebemos que aqueles pais que têm maiores níveis de estudo, encaminharão também os filhos para o mesmo caminho, o contrário ocorre com os pais com um menor nível de escolaridade. Este problema da falta de escolaridade influencia diretamente na questão emprego e salários conforme os seguintes estudos:

[...] a desigualdade decorrente do acesso à escolaridade se manifesta, além do rendimento, também nas oportunidades de obtenção de emprego. Segundo pesquisa do DIEESE, a taxa média de desemprego em São Paulo em 2006, do trabalhador com apenas o ensino fundamental completo foi de 19,4%, enquanto que para o trabalhador com ensino superior completo esta taxa está em 5,8%, extremamente baixa para os padrões brasileiros. Nas demais Regiões Metropolitanas onde o DIEESE realiza a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), este mesmo padrão se repete. (Unip, 2011, p. 21).

Conforme os dados da OECD no artigo “Educação e competências em meio à crise” de 2013, o mesmo se refere quanto à questão salarial que

[...] a formação educacional não somente afeta a capacidade de encontrar um emprego, mas também influi na remuneração da atividade profissional. Em média, a remuneração relativa dos adultos com formação superior é mais de 1,5 vezes mais alta que a dos adultos com formação secundária, ao passo que os indivíduos sem formação secundária ganham 25% menos, em média, do que os seus homólogos que possuem este nível de formação. A crise tem alargado esse fosso da remuneração: a diferença média entre a remuneração profissional de indivíduos com baixos níveis de formação e indivíduos com altos níveis de instrução foi, em média, de 75% nos países da OCDE em 2008 e aumentou para 90% em 2011.

É fundamental, para o trabalho que se propõem neste espaço, refletir sobre o próprio âmbito do que se denomina qualidade. O que seria uma educação de qualidade? Quais os fatores que influem nesta? Assim, para definir a questão de qualidade da educação neste trabalho, serão utilizados somente os índices que o governo define como meta para atingir nas avaliações de nossa educação que, conforme o SAEB, a meta a ser atingida é 6 (60%) nas avaliações do nível de aprendizagem e proficiência, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Deste modo, foram analisados os dados do SAEB de 2003 à 2011 com referência ao nível de aprendizado e proficiência ao desempenho escolar (nível de aluno). Em um segundo momento, através de uma pesquisa empírica, tentaremos ver se podemos ter a percepção, tanto à nível de alunos como de professores, de qual fator seria o mais importante a ser trabalhado e que poderia contribuir para melhorar a qualidade da nossa educação.

Em sentido correlato, tratamos de realizar um rápido estudo sobre os quatro fatores que descrevi acima, e que poderiam ser os fatores importantes como elementos de influência direta no atual nível de qualidade da nossa educação. Desta forma, alcançar uma educação de qualidade com igualdade é um objetivo que devemos tentar alcançar em todas as redes de ensino e escolas públicas do Brasil, no menor tempo possível. Isso significa alcançar as metas traçadas pelo governo de garantir um aprendizado de qualidade para todos os alunos matriculados na Educação Básica. Se isto ocorresse, em um menor espaço de tempo, seria o ideal para o país, independentemente do perfil socioeconômico das famílias que buscam, nas escolas públicas, a garantia do direito à educação.

1.3 Justificativa

Diante do exposto, o presente estudo, justifica-se pela necessidade de conhecimento e compreensão acerca das complexas abrangências que interferem para uma boa qualidade da educação, sendo esta um pilar essencial para o cidadão e para o país, o trabalho se propõe analisar a gestão dos fatores correlatos e interferentes pela busca pela qualidade educacional,

verificando teoricamente estudos que tratam sobre o tema e também empiricamente fazer questionamentos aos segmentos atuantes na escola, alunos e professores.

Alguns questionamentos a esse respeito também devem ser levados em conta para ajudar a localizar estes fatores correlatos, tais como: Se os recursos financeiros públicos são suficientes para atender as necessidades da escola e como os mesmos são distribuídos; como é a participação de equipe pedagógica, professores, alunos e comunidade nos assuntos da escola; qual é a percepção destes atores sobre o seu ambiente escolar e sobre a relação entre direção, professores, funcionários, equipe pedagógica, alunos e comunidade.

Com os resultados da pesquisa busca-se incentivar a continuidade do processo a que se propôs este trabalho de encontrar qual o fator mais importante que pode estar influenciando sobre maneira para esta baixa qualidade na educação. As divulgações de resultados de avaliações (SAEB, IDEB, PISA, ENEM, ENADE) tem trazido dados preocupantes sobre a qualidade do ensino no país. Assim, trabalhar diretamente como um experimento em uma única variável, parece ser um ponto mais viável e com maior precisão nos dados, fazendo todos os apontamentos possíveis desde a implantação até os resultados parciais obtidos em um curto espaço de tempo. O tema deste estudo se deveu às experiências em salas de aula durante o estágio, onde se verificou junto aos alunos, que os mesmos estão tomando consciência de que a “educação” deles não deve ser assim, para estes alunos a preocupação com a qualidade da educação deve ser uma constante.

Sobre esta “angústia” dos alunos com referencia a educação, alguns educadores têm realizado diversos estudos e questionamentos sobre o tipo e a forma de aprendizado que está sendo apresentado nas escolas. Conforme Armstrong (2004), para um bom aprendizado

[...] a grande ideia é fazer com que o aluno seja capaz de resolver problemas não rotineiros. Sou capaz de escrever uma carta? Sou capaz de defender uma posição? De analisar um espécime num laboratório? De conduzir uma experiência? Se a gente pensa numa aula de arte, ninguém pede aos alunos que façam um teste a respeito das cores primárias. Não, eles criam, pintam, esculpem, desenham. O mesmo numa aula de música. Nós tocamos! É lógico que você tem que saber as escalas, mas a prova de fogo é tocar o instrumento, não recitar informações decoradas para uma prova (ARMSTRONG, 2004, p. 2).

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

O objetivo geral deste trabalho será destacar dados da nossa avaliação do ensino fundamental e médio e, a partir dos mesmos, identificar e isolar um fator importante, ou mais

de um se haver, que estejam interferindo na produção da ‘baixa’ qualidade de nossa educação, mormente através de pesquisa qualitativa em escolas do ensino médio.

1.4.2 Específicos

- Identificar, na percepção de professores e alunos, qual fator ou quais fatores mais importantes, no sentido de influência direta na definição de nossos baixos níveis da educação.
- Refletir sobre o significado da educação e o que ela pode trazer para o país e para a sociedade.
- Revisar estudos teóricos e fundamentos sobre causas e fatores influentes na qualidade da educação.
- Verificar a real situação da educação brasileira e através dos índices, ver o quanto em termos de porcentagem esta baixa a qualidade da educação.
- Com a análise dos dados teóricos e empíricos, verificar uma variável mais importante para sugerir uma ação sobre a mesma como uma pesquisa piloto inicial em uma escola, com acompanhamento de educadores e sociedade.

1.5 Hipóteses

Acredita-se que alguns fatores podem estar determinando no que se refere ao problema da baixa qualidade da educação. Um destes diálogos diretamente com a questão profissional dos docentes, onde talvez a desvalorização desta categoria e também a precarização e a falta de atualização dos professores possam influenciar nos resultados que temos frente a nossa educação. Além disto, volta-se, de forma intensa, uma preocupação com o mercado de trabalho, onde talvez a necessidade de ter que se trabalhar ainda muito jovem e de ter perspectivas mais imediatas façam com que se valorize apenas uma etapa posterior aos estudos – o trabalho – e não a etapa presente na vida dos estudantes – isto poderia gerar uma desvalorização de todo o sistema de ensino.

1.6 Métodos e técnicas da pesquisa – Dados Oficiais e Pesquisa Empírica

Os dados utilizados neste trabalho, foram pesquisados nos sites oficiais do governo federal que tratam sobre educação. Desta forma foram utilizados os dados que estão nos sítios do SAEB, INEP e MEC.

A pesquisa qualitativa se destina a complementar este trabalho, especificamente nos eixos que direcionei para discussão do tema, a baixa qualidade da educação e fatores interferentes nesta baixa qualidade. A ideia da pesquisa foi de poder cruzar os dados revelados pelos indicadores institucionais com o que os atores, alunos e professores, estão percebendo no que concerne à qualidade da educação.

As escolas, objetos de suporte ao nosso estudo foram escolhidas pelo critério de que fossem escolas estaduais, localizadas em uma zona de classe média baixa e que atendessem alunos destas classes sociais. Outro critério foi que tivessem o ensino médio, no turno noturno e diurno, e que estas escolas tivessem uma certa estrutura material: biblioteca, sala de informática, internet e laboratório de ciências. Para tanto, valemo-nos do Senso de 2013. Desta forma a pesquisa foi feita na Escola denominada “A” na cidade de Sapucaia do Sul; A escola denominada “B” de Porto Alegre; e a escola denominada “C” da cidade de Alvorada. Em cada escola foram utilizadas duas séries do ensino médio, uma primeira série e uma terceira série em cada escola. Assumimos tal procedimento para que os dados tivessem maior precisão e conseguíssemos ter a percepção dos dados mais importantes e necessários e que serão discutidos no trabalho à posteriori.

A pesquisa baseou-se em dois momentos distintos. Um primeiro momento onde foi aplicado um questionário com os alunos destas duas séries. Este questionário, constituído por quinze perguntas, todas elas destinadas a cobrir os fatores informados a seguir, e que poderiam estar influenciando na qualidade da Educação no Brasil. Assim, dividi em quatro áreas as questões: Currículo ; Violência/Classe Social ; Professores/Escola ; Avaliação. Em um segundo momento, foi elaborada uma entrevista diretiva com os professores onde foi colocado uma única questão sobre o eixo norteador do trabalho, ou seja, a baixa qualidade da educação no Brasil, e a partir desta questão, os professores ficaram livres para expor sua concepção sobre este tema, falar abertamente, sem minha interferência ou novos questionamentos sobre a tema que estava tratando, durante suas falas .

2. Revisão Bibliográfica

Este trabalho busca responder o que pode estar condicionando nossa baixa qualidade da educação. No que se refere ser o objetivo deste estudo, temos que verificar o quanto a educação e sua qualidade, podem influenciar na vida do aluno. Como vimos anteriormente, renda e emprego, são duas variáveis dependentes da educação. Neste sentido, há uma relação entre o baixo nível de aprendizagem e os percentuais de reprovação e, conseqüentemente, no

aumento dos anos dentro das escolas para conclusão dos níveis de ensino. Com base nesta realidade, alguns estudos compreendem a educação como um capital humano.

A Teoria do Capital Humano foi desenvolvida por Theodore Schultz na década de 1960. A partir de uma pesquisa coordenada por ele, realizou um levantamento acerca da situação do ensino de países pobres e ricos em todo o mundo. Após anos de pesquisa, Schultz começa a constatar que quanto maior a riqueza de um país, maior o nível de instrução de sua população. Em consequência disto, segundo ele, os índices de analfabetismo em países com melhor situação de ensino são sempre menores. Com esta observação Schultz percebeu que a Educação era o fator que fazia a diferença no que diz respeito à riqueza de um país, pois alguns dos países mais pobres, que possuíam grandes riquezas naturais – como exemplo países da África com as produções de diamantes - e a Suíça que não tinha nada de produção natural, mas este país tinha uma renda per capita muito superior a estes países da África. Com base nestas constatações, Schultz (1967) afirma que há efetivamente uma relação entre escolarização e riqueza, e sua conclusão foi que, igualmente aos países, quanto mais estudo tivesse a pessoa mais capital individual esta pessoa teria. Desta forma, como uma analogia ao capital econômico, teríamos também o Capital Humano.

O capital humano é assim a soma dos investimentos do indivíduo em aquisição dos conhecimentos (capital adquirido em sua totalidade nas escolas e universidades) e que a qualquer momento reverte benefícios econômicos para o próprio indivíduo (por exemplo, na posse das melhores empregos e vantagens na aquisição de novas aprendizagens para o mercado de trabalho). Este capital, diferentemente do econômico, não pode ser roubado ou transferido, vindo a constituir um bem pessoal que acompanha o sujeito durante toda a vida de alguma forma influência em sua trajetória social e econômica (Boasquives , 2011, p. 12).

Pode-se aferir neste estudo, portanto, que a importância do investimento na educação estaria associada à melhoria do bem-estar da população. Nesta perspectiva, no que concerne aos menos favorecidos, sua mobilidade social não dependia da terra, das máquinas ou da energia, mas sim do conhecimento, do investimento da própria pessoa na educação e melhor nível de conhecimento. Conforme Schultz (1967, p.63) “[...] formar capital humano pela educação condiz com a visão de que a instrução e o progresso no conhecimento constituem importantes fontes de crescimento econômico”.

Com o postulado acima conseguimos demonstrar um argumento que considera que nossa sociedade não se organiza somente a partir de bens econômicos, mas também a partir da produção de bens simbólicos. Dentre estes, destaco a educação como sendo também, uma

forma de ajudar no status individual, assim a introdução desta dimensão de status se fundamenta no conceito de classe em jogo que

[...] para compreender adequadamente a natureza das relações que unem o sistema escolar à estrutura das relações de classe e elucidar sem cair em uma espécie de metafísica da harmonia das esferas ou do providencialismo do melhor e do pior, das correspondências, homologias e coincidências redutíveis em última análise à convergência de interesses, alianças ideológicas e afinidades entre *habitus*, deixando de lado o discurso interminável que resultaria de percorrer em cada caso a rede completa das relações circulares que unem estruturas e práticas pela mediação do *habitus* como produto das estruturas, para definir os limites de validade (isto é, validade desses limites) de uma expressão abstrata como a de um sistema de relações entre o sistema de ensino e a estrutura das relações de classe? (BOURDIEU & PASSERON, 1982:212).

Com relação à reprodução das classes, Bourdieu e Passeron (1982), se referem ao sistema escolar através de uma análise ideológica porque

[...] frente a essa cultura fragmentada, o sistema escolar impõe uma norma linguística e cultural determinada, mas aproximada àquela que é parte do universo simbólico das famílias burguesas, e distanciada, em consequência, daquela dos setores populares. O êxito ou o fracasso das crianças na escola se explica pela distância de sua cultura ou língua em relação à cultura e à língua escolares (Albenoe, 2000).

Assim a educação tem uma contribuição direta para aumentar ou diminuir o nível de desigualdade social porque

[...] se não é fácil perceber simultaneamente a autonomia relativa do sistema escolar, e sua dependência relativa à estrutura das relações de classe, é porque, entre outras razões, a percepção das funções de classe do sistema escolar está associada, na tradição teórica, a uma representação instrumentalista das relações entre a escola e as classes dominantes como se a comprovação da autonomia supusesse a ilusão de neutralidade do sistema de ensino (BOURDIEU & PASSERON, 1982:220).

Desta forma, a qualidade da educação, está no centro deste estudo. Teoricamente, através da educação o indivíduo pode ser capaz de distinguir quando está sendo vítima da violência simbólica em seu meio, e tornar-se um ator social que vá contra a sua legitimação. Devido à realidade atual, de melhores condições financeiras para a família, os pais parecem estar se distanciando do papel de dar a educação primária, isto também se deve a lei número 12.796 que altera a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Como novidade, o texto muda o artigo 6º tornando "dever dos pais ou responsáveis efetuar a

matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade", reduzindo significativamente a idade com que as crianças estão indo para a escola. A escola fica então como o principal meio de educação nos dias de hoje. Nesta medida, e valendo-nos da perspectiva de Bourdieu (1982) parece que nossas escolas não vêm educando para formar cidadãos e sim para legitimar o poder simbólico da classe dominante. Isto pode ser melhor compreendido se levarmos em conta os dois tipos de escolas, pública e privada, com relação ao nível de aprendizagem.

No campo educacional, dada a sua natureza, a violência simbólica muitas vezes passa despercebida. Não obstante, em algumas situações, ela é claramente identificável. Quando as regras da escola não são claras, quando os alunos são pré-julgados ou não são escutados, quando os professores afastam-se muitas vezes porque não conseguem responder aos anseios dos educandos ou, ainda, quando há a imposição de tarefas dobradas a estes, é exercida a violência simbólica.

Quando professores da rede pública brasileira percebem baixos salários e péssimas condições de trabalho, quando são forçados a adotar uma didática pré-definida e a abdicar a sua criatividade de educador, quando sofrem pela intransigência do Estado na resolução dos problemas educacionais e ensejam greves, materializam-se aí exemplos claros de violência simbólica. Afinal, a priori, o Estado mostra-se como detentor de poderes (Souza, 2012, p. 31).

Em sentido congruente, Bauman (1999), também aborda a questão da qualidade da educação. Ele pesquisa e escreve a respeito de um tema relevante e atual: a globalização e suas consequências, tanto no que tange suas transformações, quanto às mudanças trazidas para a vida das pessoas. Uma das maiores preocupações de Bauman (1999) é analisar o processo de individualização da sociedade. Para fundamentar sua pesquisa ele desenvolveu sua tese sobre dois eixos, a modernidade sólida e a modernidade líquida. A modernidade sólida se caracteriza através da ideia de projeto moderno. O projeto moderno seria o projeto de controle do mundo pela razão. Esse projeto consistia em tornar o mundo o “melhor possível dos mundos” através do ordenamento racional e técnico. Na modernidade líquida, tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto, familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante, perde consistência e estabilidade. Medo, exclusão social, produção do mal: são estes os elementos que Bauman considera como os efeitos colaterais - precisamente da modernidade líquida marcada pela globalização.

Neste ponto, Bauman adentra numa temática que já vem sendo discutida por outros autores, que é sobre a transformação da educação em um produto. Segundo o autor, o conhecimento sempre foi valorizado porque tratava-se de uma fiel representação do mundo.

Hoje, no entanto, em meio à transformações rápidas e abruptas, a pergunta é: “[...] e se o mundo se transformar de maneira tal que desafie continuamente a verdade do conhecimento existente até então e pegue de surpresa mesmo as pessoas ‘mais bem informadas?’” (BAUMAN, 2011, p.63). Como estudar e aprender em um mundo que nos ensina a esquecer? Para o autor,

[...] todos os recursos ortodoxos de organização utilizáveis – classificação por relevância temática, atribuição de importância, necessidades que determinam a utilidade e autoridades que determinam o valor – sucumbiram, foram tragados e diluídos no acúmulo de informações, como se atraídos por misterioso buraco negro cósmico. A massa torna todos os conteúdos uniformes e igualmente entediante (BAUMAN, 2011, p.124).

Mais recentemente, o autor abarca a atual falta de acolhimento do mundo frente à educação de qualidade que é necessária. Bauman afirma que

[...] a história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparência confiáveis estavam perdendo contato com a realidade e precisavam ser revistos ou reformados (BAUMAN, 2011, p.112).

Entretanto, o problema atual da educação parece consideravelmente diferente dos problemas anteriores.

Apesar de toda a tecnologia hoje existente, nossos alunos não são virtuais, objetos categorizáveis. Eles existem de fato e querem ser reconhecidos como seres dentro das salas de aula. São pessoas que provêm de contextos culturais variados e também de diferentes classes sociais, possuem diferentes conhecimentos e experiências. Têm desejos, aspirações, valores, sentimentos e costumes com os quais se identificam. Em uma palavra, esses grupos de pessoas, que estão dentro das salas de aulas, não são criações da nossa razão, mas existem em lugares e tempos não ficcionais, que pensam, sentem, vivem, podem se transformar, evoluírem socialmente e realizarem seus sonhos. Assim, a educação sendo algo tão importante, ela pode ajudar a ter um melhor: salário; status; classe social; e uma maior distinção social nos meios em que o indivíduo frequenta. Desta forma, teremos que trabalhar para que se diminua rapidamente este baixo nível da qualidade da educação no Brasil.

3. Referencial Teórico

Aqui iremos tratar a questão escola: professores, alunos e condições que fazem a interligação do saber. Trata-se da discussão que envolve a relação da juventude com a escola

e que integra também, este trabalho. Iremos transitar por autores que trabalham a problemática das relações dos jovens com a escola. Pela mesma senda, abordaremos as transformações existentes na instituição escolar e as tensões gestadas na tarefa de diálogo com os alunos. Neste contexto, percebemos que a escola tornou-se menos desigual, apesar de não dar garantias contra a injustiça.

Juarez Dayrell (2007) problematiza a educação da juventude e a relação com a escola. Para ele, nela todos culpam todos como uma forma de defesa, e não uma condição de solução do problema. Como salientado pelo autor: “A educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair em uma visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente” (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Em outra obra de Dayrell, “A escola como espaço sócio-cultural”, (2007a), onde ele se refere à escola ser o “espaço claramente delimitado, como a evidenciar a passagem de um novo cenário, bem diferentes que desempenham no cotidiano do ‘mundo da rua’” (DAYRELL, 2007a, p. 2), e que esta parece não estar mais em sintonia com os alunos que hoje frequentam estas escolas, assim ele questiona sobre

[...] quem são estes jovens? O que vão buscar na escola? O que significa para eles a instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço? Para grande parte dos professores, perguntas como estas não fazem muito sentido, pois a resposta é óbvia: são alunos. E é essa categoria que vai informar seu olhar e as relações que mantém com os jovens, a compreensão das suas atitudes e expectativas. Assim, independente do sexo, da idade, da origem social, das experiências vivenciadas, todos são considerados igualmente alunos, procuram a escola com as mesmas expectativas e necessidades. Para esses professores, a instituição escolar deveria buscar atender a todos da mesma forma, com a mesma organização do trabalho escolar, mesma grade e currículo. À homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da instituição escolar, compreendida como universal (DAYRELL, 2007a , pág. 2).

O próprio autor conclui que alguns, de alguma forma, foram privados de concluir pelo menos o ensino básico. Com efeito, a experiência escolar pouco contribuiu ou irá contribuir para o enriquecimento de sua vida. Para aqueles que ainda estão dentro da escola, a concepção é de que a escola somente contribui em parte para a progressão deles e que

[...] tal processo caracteriza-se pelo desmoronamento dos muros que garantiam uma autonomia das instituições, tornando-se difícil distinguir o dentro e o fora, com contornos cada vez mais tênues [...]. A escola também assiste a um ruir dos seus muros, tornando-se mais permeável ao contexto social e suas influências. Podemos citar a concorrência cada vez maior da

informação difundida pelos meios eletrônicos; a convivência crescente com situações de violência, ou mesmo a polêmica em torno da participação dos pais na avaliação dos professores e da escola (DAYRELL, 2007, pág 1115).

Essas questões colocadas por Dayrell estão diretamente ligadas ao processo educacional e levanta outras questões. Pode-se inquirir sobre as ações prioritárias destinadas a estes atores, relacionadas ao saber, ao agir e em contexto geral até onde isto interfere na qualidade da educação.

Outras indagações poderiam ser feitas como, por exemplo, se à educação caberia a função tão somente de socialização nos termos e valores impostos pela sociedade de soluções para todas questões envolvendo os jovens de hoje, já que “cada sociedade elabora um certo ideal do homem, ou seja, daquilo que ele deve ser tanto do ponto de vista intelectual quanto físico e moral; que este ideal é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos” (DURKHEIM, 2013, p.52). Assim,

[...] se a educação é um veículo de endireitamento de erros, que tipo de educação pode dar conta da multiplicidade, complexidade, e desigualdade inerentes nas políticas de produção do conhecimento, incluindo aquelas que acontecem através da educação em si? Que tipo de educação pode nos levar a desfazer (em um nível psíquico profundo, para além da cognição superficial) o legado de conhecimentos que nos faz cegamente cúmplices na perpetuação de erros? Que tipo de educação poderia viabilizar relacionamentos éticos entre aqueles que foram historicamente marginalizados e aqueles que marginalizaram, de forma a transformar os efeitos do processo de marginalização (como a raiva, a culpa, o medo, o paternalismo, e a proteção do interesse próprio)? Que tipo de educação poderia nos equipar a trabalhar em solidariedade uns com os outros na construção de futuros coletivos ‘ainda por vir’ que não necessitem de consenso imposto ou fabricado? Que tipo de educação poderia nos ajudar a encontrar conforto e esperança justamente no fato de não existirem respostas absolutas e nas surpresas que acontecem quando nos tornamos vulneráveis em nossos encontros com a diferença? (ANDREOTTI, 2013, p. 219).

No âmbito da sociologia da educação são inúmeros os pensadores que se dedicaram a apreender e desenvolver concepções acerca dos objetivos e funções que a educação – e até mesmo o espaço escolar – poderia proporcionar na sociedade. Estes estudos nos permitem uma visão mais aprofundada do fenômeno educativo como um todo e se apresentam como essenciais em qualquer análise sociológica que se pretenda investigar o universo escolar, assim, para a questão aqui tratada, da qualidade do nosso ensino, podemos também utilizar de algumas estruturas de Bourdieu para tentar ajudar no entendimento dos fatores que podem ser os principais interferentes em uma baixa qualidade de ensino dentro do espaço escolar Brasileiro.

Assim, também é dos objetivos deste trabalho, poder apontar sobre as desigualdades que a escola pode incorrer inerentes a qualidade da educação que ela reproduz, e qual ou quais fatores poderiam ser os principais influentes neste problema. Desta forma podemos usar alguns conceitos fundamentais da teoria de Pierre Bourdieu para a nossa educação como o: de capital cultural, do Campo e Violência Simbólica. Tentaremos nos guiar e fornecer parâmetros para ajudar no objetivo de isolar algum ponto principal que pode estar influenciando o nível de aprendizado dentro de nossas escolas. Segundo Bourdieu, para uma trajetória escolar regular dos estudantes, sem interrupções (que causa o atraso da série escolar fora da idade correta para cursar o ano letivo), a escola exige consciente ou inconscientemente de todos os atores, uma relação natural, familiar, com a cultura e com a linguagem, privilegiando, assim, a relação com o saber. Para Bourdieu, a desigualdade está inserida não só na sociedade, mas também na escola. Um exemplo disso seria observado no acesso ao nível superior, como já se sabe ao longo do período escolar, uns tem mais oportunidades que os outros, conforme visto anteriormente nos dados estatísticos com referencia ao nível escolar/classe social. Um jovem de classe alta está muito mais preparado do que um jovem da mesma idade de uma classe média ou baixa para seguir com sua carreira escolar, devido ao volume de seu capital cultural legítimo.

Assim, utilizar os conceitos de Bourdieu para a análise de nossa educação possibilita verificar estes determinantes, olhar que não é somente a falta deste capital cultural, que determina uma violência simbólica e afasta cada vez mais as crianças desfavorecidas, e que está inerente ao campo e seus atores, isto olhando para dentro da educação. Será que o acesso dos estudantes a determinados locais como: cinema, teatro, shows e viagens devido ao capital, seriam aspectos primordiais para melhorar a qualidade da educação no Brasil? Além disso, o sistema de ensino e as perspectivas profissionais exigem cada vez mais conhecimento, tanto de nossos estudantes como dos nossos professores, e este aprendizado é um crescente, em alguns casos falta a ajuda familiar, esta lacuna que é a educação primária, que não mais está ocorrendo em nossa sociedade. Conforme vimos nos dados levantados, o capital cultural é necessário, principalmente quando se observa que a família possui pessoas com maior grau de escolaridade e diplomadas, isso influencia de forma visível no desempenho escolar dos filhos destas pessoas, pois a ação do meio familiar resulta no êxito escolar dos filhos. Temos também, alguns estudantes que conseguem o sucesso mesmo advindo de um nível desigual cultural e social, mas é um número relativamente menor estatisticamente.

Sobre o capital cultural Bourdieu diz que:

Hoje, gostaria de lembrar os mecanismos extremamente complexos pelos quais a instituição escolar contribui (insisto nessa palavra) para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social. As duas dimensões fundamentais desse espaço as quais lembrei ontem, correspondem dois conjuntos de mecanismos de reprodução diferentes - cuja combinação define o *modo de reprodução*, que fazem com que o capital puxe o capital e com que a estrutura social tenda a perpetuar-se (não sem sofrer deformações mais ou menos importantes). A reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural se dá na relação entre as estratégias das famílias e a lógica específica da instituição escolar. (BOURDIEU, 2008, p. 35).

Desta forma quando falamos em qualidade da educação, no caso do Brasil, temos que verificar essas associações entre ensino de qualidade que é direcionando à escola particular, e ensino sem qualidade para à escola pública, pois esta dicotomia nos instiga a investigar sobre a origem das representações sociais conforme definido por Bourdieu dentro do campo escolar. Como estas representações sociais surgem? Existe uma base empírica fundamentada ou simulam a estrutura real de relações? Assim, estes questionamentos tentam também traçar a linha de raciocínio deste trabalho se amparando em Bourdieu para tentar se chegar aos fatores que podem estar influenciando na qualidade da educação em nossas escolas públicas. Busca-se identificar o princípio gerador e produtor das representações sociais, tentando estabelecer uma conexão entre o capital cultural e as representações sociais advindas de nossas escolas.

Esse modelo, que pode parecer muito abstrato, permite compreender o interesse crescente que as famílias, sobretudo as famílias privilegiadas e, entre elas, as famílias de intelectuais, de professores ou de membros das profissões liberais, dedicam a educação em todos os países avançados, e no Japão mais do que em qualquer lugar; ele permite compreender também que as mais altas instituições escolares, aquelas que levam as mais altas posições sociais, sejam cada vez mais monopolizadas por crianças de categorias sociais privilegiadas, tanto no Japão quanto nos Estados Unidos ou na França. De maneira mais geral, permite compreender não apenas como as sociedades avançadas se perpetuam, mas também como elas mudam sob o efeito de contradições específicas do modo de reprodução escolar (BOURDIEU, 2008 ,p. 36).

De outra maneira, é essencial que consigamos reverter esta diferença de qualidade entre nossas instituições de ensino, pública e privada, pois se isto ocorrer no menor espaço de tempo possível, talvez seja possível mais rapidamente, reduzir as desigualdades em termos de volume de capital cultural entre estes estudantes que:

Mais precisamente, através de uma série de operações de seleção, ele separa os detentores de capital cultural herdado daqueles que não possuem. Sendo as diferenças de aptidão inseparáveis das diferenças sociais conforme o capital herdado, ele tende a manter as diferenças sociais preexistentes (BOURDIEU, 2008, p. 37).

Outro conceito de Bourdieu que podemos usar para a questão da educação é o conceito de campo. Segundo Bourdieu (1983), os indivíduos se posicionam nos campos de acordo com o capital acumulado, e este capital pode ser social, cultural, econômico e simbólico. Com referência ao capital social, por exemplo, o mesmo pode corresponder à rede de relações interpessoais que cada um constrói, podendo ser mobilizada na competição entre os grupos sociais. Com relação à educação, se acumula, sobretudo capital cultural, na forma de conhecimentos capturados, em livros, conquista de um diploma, etc. Assim, podemos dizer que com os instrumentos teóricos que Bourdieu criou, por exemplo, que o sistema escolar separa os possuidores deste capital cultural, introduzindo o conceito de violência simbólica, para se referir ao controle de um estrato social sobre outro, talvez aqui nos referimos a perpetuação da qualidade da educação, que parece ser tão desigual entre as classes, fazendo com que esta diferença seja legitimadora da dominação nas práticas observadas por meio de estilos de vida distintos entre as classes. Talvez esta seja a razão que explicaria por que é tão difícil alterar certos padrões sociais, pois conforme Bourdieu, o poder exercido em campos como a linguagem é mais eficiente e perspicaz do que o próprio uso da força.

Algo como uma classe ou, de modo mais geral, um grupo mobilizado para e pela defesa de seus interesses, não pode existir senão ao preço e ao termo de um trabalho coletivo de construção inseparavelmente teórico e prático; mas nem todos os agrupamentos sociais são igualmente prováveis e esse artefato social que é sempre um grupo social tem tanto mais oportunidades de existir e subsistir de maneira durável quanto mais os agentes que se agrupam para constituí-lo já estejam mais próximos no espaço social (BOURDIEU, 2008, p. 51).

Desta forma, os atores que estão diretamente ligados à questão referida neste trabalho, professores e estudantes, são indivíduos que estão inseridos dentro das estruturas que são construídas socialmente e assim podem de alguma forma interferir no processo. Bourdieu então argumenta que há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos. Estas estruturas existem sob duas formas articuladas: objetivamente como “campo” e subjetivamente como “habitus”.

A noção de campo refere-se a espaços objetivos de relações entre agentes diferencialmente posicionados segundo uma distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos, isto é, de capitais múltiplos que operam como meios socialmente eficientes de exercício do poder. O conceito de habitus aponta, por sua vez, para esquemas simbólicos subjetivamente internalizados de geração e organização da atividade prática dos agentes individuais, esquemas que tomam a forma de disposições mentais e corporais, isto é, modos potenciais socialmente adquiridos e tacitamente ativados de agir, pensar, sentir, perceber, interpretar, classificar e avaliar (PETERS, 2013, p. 48).

Na concepção das estruturas objetivas na educação, Bourdieu diz:

O habitus preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos a consciência transcendental: e um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo. A oposição entre a teoria e a prática, por exemplo, encontra-se tanto na estrutura objetiva das disciplinas (a matemática opõem-se a geologia como a filosofia opõem-se a geografia etc.) quanto no espírito dos professores que, em seus julgamentos sobre os alunos, operam com esquemas práticos, frequentemente associados a pares de adjetivos, que são os equivalentes incorporados dessas estruturas objetivas (BOURDIEU, 2008, p. 144).

Conforme Bourdieu, a escola é tida como um instrumento de violência simbólica, pois ela apenas reproduz os privilégios existentes na sociedade e acaba por beneficiar os que já são socialmente favorecidos. O sistema social pode discriminar o aluno, quando os mesmos são submetidos a essa educação que não visa o seu desenvolvimento social. A educação, ou como coloca Bourdieu, o “capital cultural” é uma forma de diferenciação quase tão forte quanto o “capital econômico”. Assim os alunos das classes dominantes são bem-sucedidos na escola, devido ao seu capital cultural que já vem da família, e isto permite o acesso aos graus superiores do sistema educacional. Já os alunos das classes dominadas, em sua grande maioria, só conseguem encarar o fracasso, ficando pelo caminho ou muito atrasados em relação aos alunos das classes dominantes. Assim,

A forma que reveste a luta inseparavelmente científica e política pela legitimidade depende da estrutura do campo, isto é, da estrutura da distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta. Esta estrutura pode teoricamente variar entre dois limites teóricos, de fato jamais alcançados: de um lado, a situação de monopólio de capital específico de autoridade científica, de outro a situação de concorrência perfeita supondo a distribuição equitativa desse capital entre todos os concorrentes. O campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis. Em todo campo se põem, com forças mais ou menos desiguais segundo a estrutura da distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos cursos científicos acumulados no campo (BOURDIEU, 1983, p. 136)

4. A Realidade Empírica

4.1 – Dados estatísticos sobre fatores que podem influenciar a educação.

Os resultados da última avaliação aplicada pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica, compilados a partir de resultados de 2011, demonstram que 78% dos alunos não atingiram o nível de proficiência em português e 88% em matemática conforme tabelas 09 e 10, e 76% dos alunos de 3ª série do ensino médio não estão com o nível de aprendizado adequado em Português (Tabela 05). Os dados revelam também que apenas 10,3% dos alunos brasileiros terminam o ensino médio sabendo o que deveriam em matemática – ou seja, quase 90% dos alunos não aprendem o esperado nesta matéria (Tabela 5).

Tais indicadores remetem relacionar as dificuldades específicas, referentes, em boa medida, ao domínio do conhecimento requisitado pelas avaliações institucionais (o baixo nível de aprendizado dos nossos alunos) com algumas das deficiências estruturais do ensino brasileiro como, por exemplo: professores desvalorizados, mal formados e sem condições adequadas de trabalho; origem social e trajetória dos estudantes nas escolas, ou mesmo, a falta de investimento em educação. Baseado nestes aspectos será feito um breve apanhado de dados e/ou estudos para tentar isolar alguns destes fatores. Nosso intuito é verificar se algum deles pode ser o de maior influência no momento para este estudo.

Com referencia a questão de qualificação dos professores, os docentes com ensino superior nas escolas públicas aumentaram de 68,4% para 74% a sua qualificação. Na mesma toada, ocorreu uma renovação significativa dos quadros docentes das escolas entre os anos 2007 à 2013. Desta forma tivemos uma melhora no nível de formação docente, mas que parece não ter influenciado da mesma forma no nível da qualidade do ensino. (Tabela 1).

Tabela 1 -Número de docentes atuando na educação básica e proporção por grau de formação Brasil 2007 – 2011

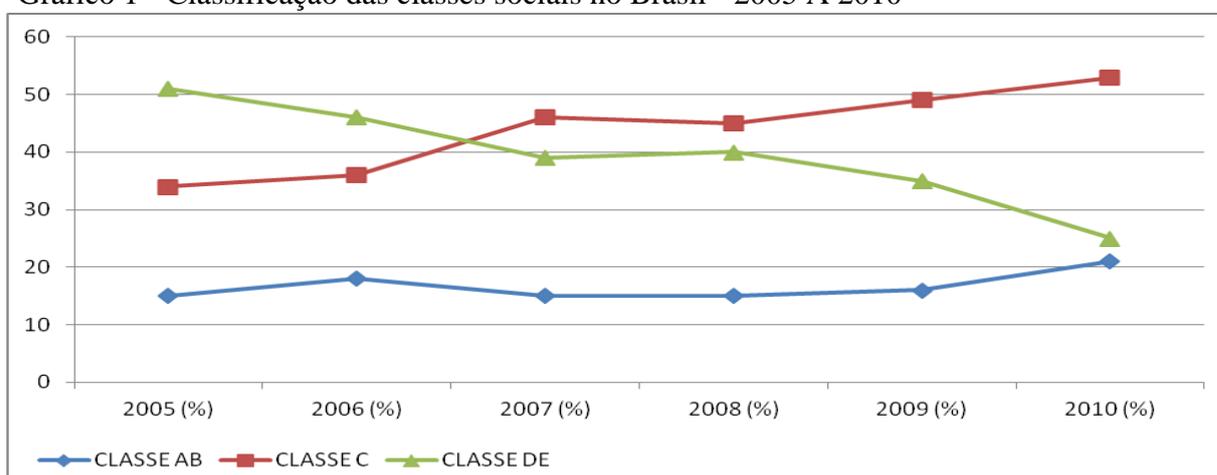
Ano	Número de docentes	Proporção de docentes por grau de formação					Educação Superior %
		Ensino Fundamental		Ensino Médio			
		Incompleto	Completo	Normal/ Magistério	Sem Normal/ Magistério	Total	
2007	1.878.284	0,2	0,6	25,3	5,5	30,8	68,4
2008	1.983.130	0,2	0,5	25,7	6,5	32,3	67
2009	1.991.606	0,2	0,5	24,5	7,1	31,6	67,8
2010	2.023.748	0,2	0,4	22,5	8,1	30,5	68,8
2011	2.039.261	0,2	0,4	19	6,4	25,4	74

Fonte : Mec / Inep / Deed

Outro fator que merece destaque é a origem social dos alunos. Nos últimos seis anos, devido às políticas públicas do governo, houve uma grande redução dos indicadores de pobreza e de desigualdade no Brasil (sobre isto ver IBGE, 2013. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira¹).

Apenas no ano de 2010, 19 milhões de pessoas deixaram as classes DE e 12 milhões subiram as classes AB. Há 5 anos, as classes A, B e C somadas representavam apenas 49% da população, enquanto em 2010 elas somavam 74%. Sobra apenas 36% para formar a velha base da pirâmide, que começa a alterar sua constituição numa perspectiva mais igualitária. Na sequência apresentamos um gráfico que ilustra melhor este processo. Nele as classes DE vêm perdendo massa e a classe C vem aumentando. (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Classificação das classes sociais no Brasil - 2005 À 2010



Fontes: Pesquisa O Observador Brasil 2011, CIA 1 e 2

Por decorrência, e em função mesmo da constatada mobilidade social, é razoável inferir que outros fatores, psicológicos, biológicos, motivacionais, e não propriamente sociais, tenham contribuído para os termos em que se encontra a qualidade de nossa educação. A aprendizagem pode ser então toda uma mudança de comportamento em resposta a experiências que envolvem o aluno como um todo. Como tivemos um considerável crescimento no nível social, conforme os dados acima, talvez a classe social não seja a principal variável explicativa do desempenho insatisfatório nas provas institucionais de avaliação. Em verdade, segundo Jean Piaget (1973),

¹Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf Acesso em 17 de junho de 2014; IBGE, 2013a. O Brasil em números. Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-392. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2/bn_2013_v21.pdf Acesso em 20 de junho de 2014).

[...] a aprendizagem só se dá com a desordem e ordem daquilo que já existe dentro de cada sujeito. É necessário obter contato com o difícil, com o incomodo para desestruturar o já existente e em seguida estruturá-lo novamente, com a pesquisa e também motivações tanto intrínsecas como extrínsecas para obter a aprendizagem, ressaltando que a motivação intrínseca é mais importante porque o sujeito tem que estar interessado em aprender, sendo que a junção dos dois (intrínseca e extrínseca) formam importantes aliados para a melhor aprendizagem do sujeito (Piaget apud Neves, 2011 s.p.).

Não obstante, há que lembrar que “[...] alguns escravos, na primeira metade do século XIX, apesar de todas as adversidades que enfrentavam, chegaram a se alfabetizar. Não obstante, este foi o caso dos Malês na Bahia em meados da década de 30 daquele século” (REIS *apud* VIRGINIO, 2013, p. 5).

Para Neves (2011), o sujeito constrói esse saber a partir do momento que ele tem uma relação com o conhecimento, este conhecimento seria uma junção tanto dos conteúdos intrínsecos (aquilo que está dentro, no interior de alguma coisa ou de alguém), como extrínsecos (que não faz parte do conteúdo essencial de alguma coisa; que se encontra no exterior de algo ou de alguém) referidos por Piaget. Estes conteúdos então formam importantes aliados para a melhor aprendizagem do sujeito, o que podemos chamar de um diálogo entre a prática e a teoria. Para que o conhecimento seja assimilado, é preciso que o sujeito seja ativo, tenha interesse e queira transformar e incorporar o seu saber, esquecendo de conhecimentos prévios, que já não se adaptam aos novos conhecimentos e assimilando os que são inerentes ao seu pré-conhecimento. “É importante também que o ensinante dê significado para este novo conhecimento, despertando o desejo de querer saber do aprendente” (NEVES, 2011).

Um fator destacado foi com referência ao investimento na educação. Ele também é apontado como fator explicativo para a baixa qualidade da educação. No entanto, o Brasil, de 2007 até 2012, aplicou 6,4% do PIB em educação. Isto significa dizer que foram aplicados 106,6 bilhões na educação básica neste período. Tal cifra encontra paralelo nos indicadores sobre recursos disponíveis em estabelecimento educativos que ofertam o Ensino Médio. Conforme dados recentes, para o ensino médio nas escolas públicas apontam para uma boa cobertura em 2011, registrando que 95,6% possuíam acesso à internet, 95,1% laboratório de informática, 91,7% biblioteca ou sala de leitura de acordo com o número de alunos matriculados (Tabela 2). Assim como no caso das instituições públicas que ofertam o Ensino Fundamental, os números não foram muito distantes, ficando em uma média acima de 75% nestes recursos.

Tabela 2 - Ensino Médio – rede pública – número de Matrículas por Região, segundo os recursos disponíveis na escola – Brasil - 2011 Região Geográfica

Total Brasil / Regiões		Recurso disponível (%)				
	Total de Matrículas	Biblioteca ou Sala de leitura	Acesso à Internet	Laboratório de informática	Dep. e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida	Quadra de Esportes
Brasil	7.378.660	91,7	95,6	95,1	37,7	78,8
Norte	699.123	88,1	89,1	87,9	32,2	75,9
Nordeste	2.146.746	87,0	91,5	94,3	46,6	57,8
Sudeste	2.998.401	94,2	99,1	96,2	27,5	91,8
Sul	996.845	98,1	98,9	98,5	46,9	85,8
Centro-Oeste	537.545	90,1	95,1	94,8	48,7	81,0

Fonte : Mec / Inep / Deed

Desta forma, foram abordados os dados e/ou os indicadores recentes acerca dos fatores que condicionam a qualidade da educação de modo que pudéssemos tê-los presentes por ocasião do tratamento dos dados qualitativos, sobretudo as entrevistas, e dar sustentação ao cruzamento das informações em análise comparativa. Assim esta ligação poderá ser feita com base nos dados recebidos dos atores que são diretamente envolvidos no tema deste trabalho. Desta forma, temos que ter em mente que

[...] certamente, há aqui mais que a enigmática questão de saber por que Joãozinho não sabe ler. Além disso, há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. É justamente essa crença que se tem demonstrado invariavelmente falsa em nossa época; pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país pode, num futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país (ARENDDT, 1972, p. 221).

As dificuldades que se colocam para atingirmos a meta proposta pelo governo são muitas. O fato é que temos pouca segurança para afirmar qual fator apresenta participação mais decisiva no que se refere a prejudicar a qualidade de nossa educação. Todavia, podemos começar a estudar pequenos processos que já deram frutos no Brasil. Em julho de 2012, foi publicado no jornal ‘O Globo’, uma série de reportagens que se chamou “Aula de Excelência na Pobreza”. Nesta série foram selecionadas 82 escolas públicas brasileiras que, em 2009, estavam entre as 25% que atendem alunos com menor nível socioeconômico no país, mas que apresentavam um Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) igual ou superior a 6 (que é a meta do governo brasileiro para todas as escolas em 2021). Este é um caso que pode ser pesquisado e verificar quais fatores foram trabalhados e trazer este processo para o resto

do Brasil. Alguns elementos que se destacaram nessas escolas, foi o notável esforço da direção e dos professores em não deixar que nenhum aluno ficasse para trás e de corrigir as deficiências na aprendizagem e os problemas de frequência assim que eles fossem detectados².

4.2 Dados de Pesquisa

Esta seção se deterá a analisar os dados colhidos através de uma pesquisa qualitativa indireta, ou seja, consiste de uma análise de documentos e dados relativos ao fato que está sendo abordado, que é a baixa qualidade da educação. A metodologia que será utilizada compreende de mostrar os níveis do 5º e 9º anos do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio. Sua razão está em servir como elemento de comparação com referência ao nível que estamos colocando como o ideal estipulado pelo governo, que seria o nível 6 na escala do SAEB, ou seja, o que é esperado pelo governo para termos uma educação de qualidade.

4.2.1 Metodologia utilizada

A metodologia será a definida pelo órgão do governo para a educação, INEP, e se dará da seguinte forma a leitura das tabelas e gráficos.

Com referência ao nível de aprendizagem, tomaremos os dados entre os anos de 2003 à 2011, conforme dados disponíveis das avaliações da Prova Brasil e ENEM no site do INEP, SAEB e MEC.

Com referência aos níveis de proficiência, tomaremos os dados entre os anos de 2007 a 2011, relativos às avaliações da Prova Brasil e ENEM no site do SAEB e MEC.

Para esta comparação serão utilizados os seguintes conceitos utilizados pelo Inep³:

- i) **Avançado:** Que significa que o aprendizado foi/está além da expectativa.
- ii) **Proficiente:** Onde os alunos neste nível encontram-se preparados para continuar os estudos.
- iii) **Básico:** No qual os alunos precisam melhorar.

² Para ler mais: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-tem-82-escolas-de-primeiro-mundo-em-areas-pobres-5419543#ixzz35fj7lahq>.

³ Essa classificação qualitativa foi definida pelo professor José Francisco Soares com base na escala do SAEB. Portanto esta classificação não é oficial, servindo para dimensionar qualitativamente os níveis de aprendizado conforme índices oficiais do Ideb (Disponível em: <http://www.qedu.org.br/ajuda/artigo/125958>)

iv) Insuficiente: Os alunos neste nível apresentaram pouquíssimo aprendizado e se coloca como necessário a recuperação de conteúdos.

Conforme o INEP, a medida dos níveis inicia-se na pontuação 125, pois valores inferiores não são típicos para alunos do 5º ano. Por exemplo, o nível 5 da escala corresponde ao intervalo de 225 a 250 pontos na escala SAEB. Apesar da escala SAEB variar até a pontuação de 500, as habilidades mais complexas em Língua Portuguesa estão concentradas no nível 9 (intervalo de 325 a 350), e para matemática no nível 12 (intervalo de 400 a 425).

As habilidades de níveis superiores estão relacionadas ao currículo do Ensino Médio e não são avaliadas pela Prova Brasil.

Neste sentido a legenda para a escala de aprendizado se dará da seguinte forma⁴:

- i) Avançado: Alunos com pontuação igual ou acima de 325 pontos em leitura e interpretação (Português) na Prova Brasil (pontuação de níveis 9, 10 e 11 definidos pelo INEP)
- ii) Proficiente: Alunos com pontuação de 275 até 324 em leitura e Interpretação (Português) na Prova Brasil (pontuação de níveis 7 e 8).
- iii) Básico: Alunos com pontuação de 200 até 274 em leitura e interpretação (Português) na Prova Brasil (pontuação dos níveis 4, 5 e 6)
- iv) Insuficiente: Alunos com pontuação de 0 até 199 em leitura e Interpretação (Português) na Prova Brasil (pontuação corresponde aos níveis 0, 1, 2 e 3)⁵.

Em relação a pesquisa empírica, a opção foi por uma “pesquisa-ação” que “consiste essencialmente em acoplar pesquisa e ação em um processo no qual os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos” (THIOLLENT, 1997, p.15), e assim tentar colher os dados necessários para analisar junto com os dados teóricos.

A pesquisa empírica requer que o pesquisador tenha um “feeling” para ficar neutro, observar com cuidado as palavras dos atores, principalmente quando o mesmo tem o contato direto com o problema e com os atores que está tentando pesquisar, assim

[...] a delimitação do problema não resulta de uma afirmação prévia e individual, formulada pelo pesquisador e para a qual recolhe dados comprobatórios. O problema afigura-se como um obstáculo, percebido pelos sujeitos de modo parcial e fragmentado, e analisado assistematicamente. A

⁴ A metodologia para calcular os níveis de proficiência definidos pelo Inep podem ser verificados no documento oficial: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portaI_ideb/metodologias/Artigo_projecoes.pdf

⁵ Os dados estatísticos se referem a Prova Brasil dos anos de 2007, 2009 e 2011 conforme site do Inep.

identificação do problema e sua delimitação pressupõem uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema. Pressupõem, também, uma partilha prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, para descobrir os fenômenos além de suas aparências imediatas. A delimitação é feita, pois, em campo onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa (Ghizzotti, 1991 s.p.).

Assim, sobre a percepção dos detalhes Thiollent diz

[...] se algo sobressai de todo o empreendimento é o que chamarei a presença do detalhe: nada existe no mito que possa ser ignorado, nada que se possa dizer que é estranho ou absurdo para preservar algumas grandes verdades eternas, nada que não deva ser levado em consideração e que, por conseguinte, não tenha sentido (Thiollent, 1997, p.203).

4.2.2 Análise de dados quanto ao nível de aprendizado no Brasil

Os dados analisados neste estudo – expressos inicialmente nas tabelas 3, 4 e 5, irão mostrar os índices alcançados pelos alunos da educação básica nas avaliações oficiais no país quanto ao nível de aprendizado. O levantamento aborda o ensino fundamental e médio com o objetivo de termos uma visão geral dos índices obtidos. Foi analisado o período entre 2003 à 2011, nos dois anos (5º e 9º anos do ensino fundamental) em que ocorrem a avaliação da Prova Brasil (Tabelas 3 e 4). E a avaliação do Ensino médio (Tabela 5).

Os dados mostram que as avaliações estão muito distantes das metas traçadas pelo governo, que é atingir o nível 6 (60% de aprendizagem).

Na tabela 3, temos os indicadores referente ao 5º ano do ensino fundamental, vemos que evolui positivamente e de modo favorável, apesar de não ter atingido a meta adequada de nível 6. Esta série está se encaminhando para atingir o patamar estipulado pelo governo para 2021. Conforme o programa Todos Pela Educação (TPE), isto se dará antes deste tempo.

Tabela 3 - EVOLUÇÃO DO APRENDIZADO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - VARIAÇÃO DO PERCENTUAL DE ALUNOS COM APRENDIZAGEM ADEQUADA (%)

	Português	Matemática
2003	25,00%	15,00%
2005	26,00%	18,00%
2007	27,00%	23,00%
2009	34,00%	32,00%
2011	40,00%	36,00%

Fonte: Saeb / Prova Brasil 2003 à 2011

Na tabela 4 temos os indicadores para o 9º ano. Para este ano constatamos que ocorreu um crescimento, porém menor do que o registrado para o 5º ano. Verificamos que, na última década, em Português tivemos um aumento de 7% e, em Matemática, apenas 2%. Este crescimento não foi o esperado pelo governo e as metas para esta série estão mais distantes, necessitando portanto, maior atenção.

Tabela 4 - EVOLUÇÃO DO APRENDIZADO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS - 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - VARIAÇÃO DO PERCENTUAL DE ALUNOS COM APRENDIZAGEM ADEQUADA (%)

	Português	Matemática
2003	20,00%	14,00%
2005	19,00%	13,00%
2007	20,00%	14,00%
2009	26,00%	14,00%
2011	27,00%	16,00%

Fonte: Saeb / Prova Brasil 2003 à 2011

Para o 3º ano do Ensino Médio, a situação é ainda mais preocupante, haja visto que em Português, no período analisado, houve um aumento de apenas 3 pontos percentuais. Em Matemática não foi melhor. Em realidade, ocorreu um decréscimo de 2% pontos percentuais, indicando que deve-se fazer um estudo e tomar uma ação urgente pois, se analisarmos os dados, há uma oscilação pequena nesta matéria no qual a tendência é de esta avaliação ficar estagnada nestes patamares.

Tabela 5 -EVOLUÇÃO DO APRENDIZADO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO - VARIAÇÃO DO PERCENTUAL DE ALUNOS COM APRENDIZAGEM ADEQUADA (%)

	Português	Matemática
2003	26,00%	12,00%
2005	22,00%	10,00%
2007	24,00%	9,00%
2009	28,00%	11,00%
2011	29,00%	10,00%

Fonte: Saeb / Enem 2003 à 2011

Ao analisar os três anos consecutivamente, veremos que temos um problema sério com relação ao aprendizado na sequência das séries. A queda do 5º ano para o 9º ano é muito grande: 13 pontos em Português e 20 pontos em Matemática. O mesmo ocorre depois para o

ensino de matemática, do 9º ano para o 3º ano do ensino médio, a queda é de mais 6 pontos percentuais. Em Português temos um ganho de 2 pontos positivos.

Este fenômeno de queda do nível de aprendizagem, por ocasião da transição das séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental e depois para o ensino médio, tem que ser melhor estudado e pesquisado, pois a tendência seria de um aumento do nível de aprendizagem e não de uma queda, que é considerável, e que ocorre nesta transição.

A tabela disposta na sequência (Tabela 6), refere-se aos dados referentes ao nível de aprendizado nas escolas municipais e estaduais. Este levantamento foi necessário para verificar qual diferença haveria entre as duas redes de ensino. Verificamos que há uma pequena distorção no nível de aprendizado entre o ensino municipal e o estadual, mas que não influencia nos dados globais do nível de aprendizagem.

Tabela 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS POR NÍVEL DE APRENDIZAGEM - ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS

ANO	Português 5º Ano		Português 9º Ano		Matemática 5º Ano		Matemática 9º Ano	
	Escolas Municipais	Escolas Estaduais						
2007	24,00%	28,00%	14,00%	17,00%	21,00%	23,00%	8,00%	10,00%
2009	30,00%	36,00%	20,00%	24,00%	28,00%	34,00%	9,00%	11,00%
2011	35,00%	40,00%	20,00%	23,00%	31,00%	36,00%	11,00%	12,00%

Fonte Inep Prova Brasil – Qedu

4.2.3 Análise de dados quanto ao nível de proficiência no Brasil

Neste tópico, verificaremos o nível de proficiência de nossos alunos nas avaliações da Prova Brasil. Esta avaliação é aplicada somente no ensino fundamental. Portanto, não se aplica ao ensino médio.

Os índices escolhidos para serem analisados referem-se aos melhores índices do nível de proficiência no 9º ano. Para efeito de nossos objetivos, analisamos a disciplina de português nas escolas municipais e matemática nas escolas estaduais. Se tomarmos a meta fixada pelo governo em 6,0 (60%), verificamos que o nível de proficiência em nossas escolas está muito longe do desejável como um nível de qualidade. A realidade é que temos 20% em Português e somente 12% em matemática como níveis aceitáveis. Isto significa dizer que

temos 80% de alunos em português e 88% em matemática que estão em níveis que exigem uma melhora e/ou recuperação de conteúdos. (Tabelas 7 e 8).

Tabela 7 - DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS - PORTUGUÊS 9º ANO

	AVANÇADO	PROFICIENTE	BÁSICO	INSUFICIENTE
2007	1,00%	13,00%	56,00%	30,00%
2009	2,00%	18,00%	56,00%	24,00%
2011	2,00%	18,00%	56,00%	24,00%

Fonte Inep Prova Brasil – Qedu

Tabela 8 - DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS - MATEMÁTICA 9º ANO

	AVANÇADO	PROFICIENTE	BÁSICO	INSUFICIENTE
2007	1,00%	9,00%	54,00%	36,00%
2009	1,00%	10,00%	52,00%	37,00%
2011	1,00%	11,00%	54,00%	34,00%

Fonte Inep Prova Brasil – Qedu

Nas tabelas 09 e 10 apresentamos os dados da Prova Brasil referentes ao levantamento feito em todas as escolas. A intenção foi verificar como se portaria a média conjuntamente das escolas municipais e estaduais, quanto aos percentuais de proficiência. Percebemos que não há alteração significativa de melhora nestes índices nos anos levantados.

Tabela 09 - DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA TODAS AS ESCOLAS - PORTUGUÊS 9º ANO

	AVANÇADO	PROFICIENTE	BÁSICO	INSUFICIENTE
2007	2,00%	14,00%	57,00%	27,00%
2009	3,00%	20,00%	55,00%	22,00%
2011	3,00%	19,00%	56,00%	22,00%

Fonte Inep Prova Brasil – Qedu

Tabela 10 - DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA TODAS AS ESCOLAS - MATEMÁTICA 9º ANO

	AVANÇADO	PROFICIENTE	BÁSICO	INSUFICIENTE
2007	1,00%	8,00%	53,00%	38,00%
2009	1,00%	9,00%	51,00%	39,00%
2011	1,00%	11,00%	53,00%	35,00%

Fonte Inep Prova Brasil – Qedu

4.2.4 Análise de dados quanto as metas a serem atingidas pelo governo

Nas tabelas 11, 12 e 13 estão destacados os índices atingidos conforme o IDEB nos três anos pesquisados. Em comparação com as metas estipuladas pelo governo, verificamos dois pontos que devemos nos ater. O primeiro ponto refere-se ao melhor IDEB apresentado pelas escolas particulares em relação as escolas públicas. O segundo diz respeito às metas traçadas pelo governo para as escolas públicas atingirem em 2021. As mesmas são menores do que as metas que hoje temos nas escolas privadas.

Estas metas não são gerais para todo o país. Elas foram estipuladas de acordo com a região do país devido às desigualdades que persistem em nossa educação. Tais desigualdades decorrem, dentre outras razões, das diferenças culturais e regionais, muito em função das dimensões continentais de nosso país. Estes dados são verificados na tabela 14 em anexo.

Tabela 11 - Índice observado no IDEB (Ensino Fundamental Anos Iniciais) Metas (2005 – 2021).

	IDEB Observado				Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.8	4.2	4.6	5.0	3.9	4.2	4.6	4.9	6.0
Pública	3.6	4.0	4.4	4.7	3.6	4.0	4.4	4.7	5.8
Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1	4.0	4.3	4.7	5.0	6.1
Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7	3.5	3.8	4.2	4.5	5.7
Privada	5.9	6.0	6.4	6.5	6.0	6.3	6.6	6.8	7.5

fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=2131265>

Tabela 12 - Índice observado no IDEB (Ensino Fundamental Anos Finais) Metas (2005 – 2021).

	IDEB Observado				Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=2131265>

Tabela 13 - Índice observado no IDEB (Ensino Médio)/Metas (2005 – 2021).

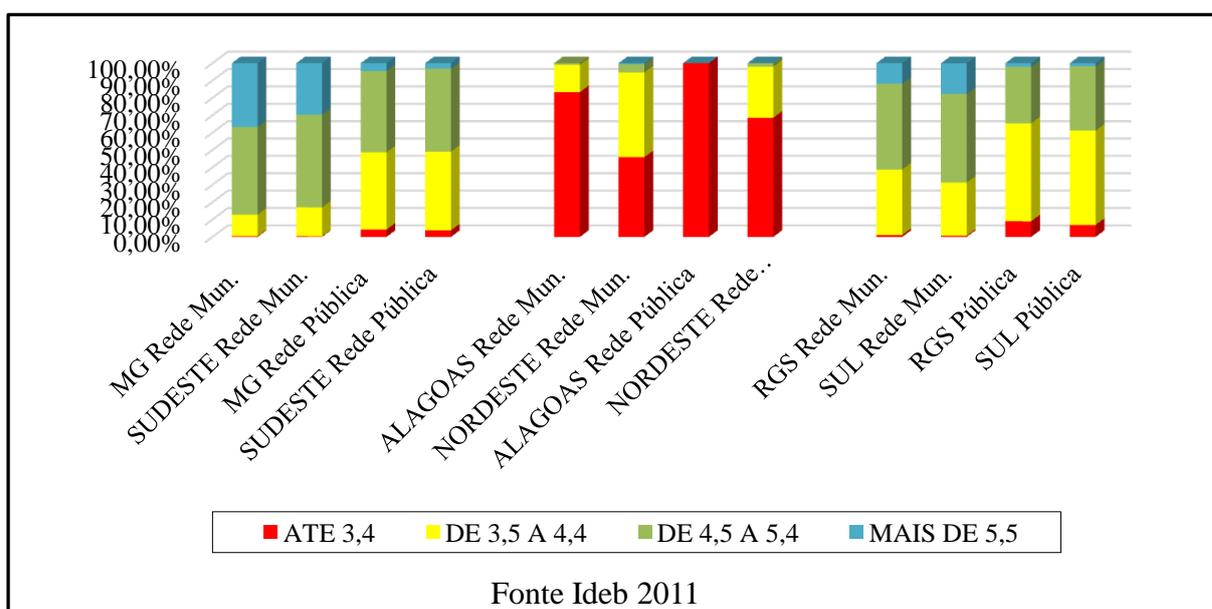
	IDEB Observado				Metas				
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.4	3.5	3.7	3.9	5.2
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.1	3.2	3.4	3.6	4.9
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.1	3.2	3.3	3.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.6	5.7	5.8	6.0	7.0

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=2131265>

4.2.5 Análise de dados quanto a desigualdade no Brasil entre os estados.

Neste tópico foi analisado as desigualdades existentes no Brasil com referência ao nível de aprendizado entre os estados. No gráfico 2, tratamos de fazer uma comparação entre os estados com melhor e pior desempenho no Brasil, comparando também o Estado do Rio Grande do Sul. A comparação ainda estratificou outro detalhe, tomamos os índices das redes municipais, que tem uma pequena, mas melhor performance que as redes estaduais, para compararmos com a rede pública que abrange ambas escolas. O que verificamos no nível de proficiência é algo preocupante. Na rede pública do estado melhor colocado, temos um nível de 4,2 % de proficiência insuficiente (abaixo do nível IDEB de 3,4). Para este nível, o estado de Alagoas, o pior estado brasileiro, este índice atingiu o nível de 100% de insuficiente em todas as escolas, ou seja, nas avaliações da Prova Brasil, os conceitos ficaram abaixo do nível 3,4 estipulado pelo IDEB.

Gráfico 2 – Desempenho Escolar nos Estados (Proficiência) – Índice Ideb 2011

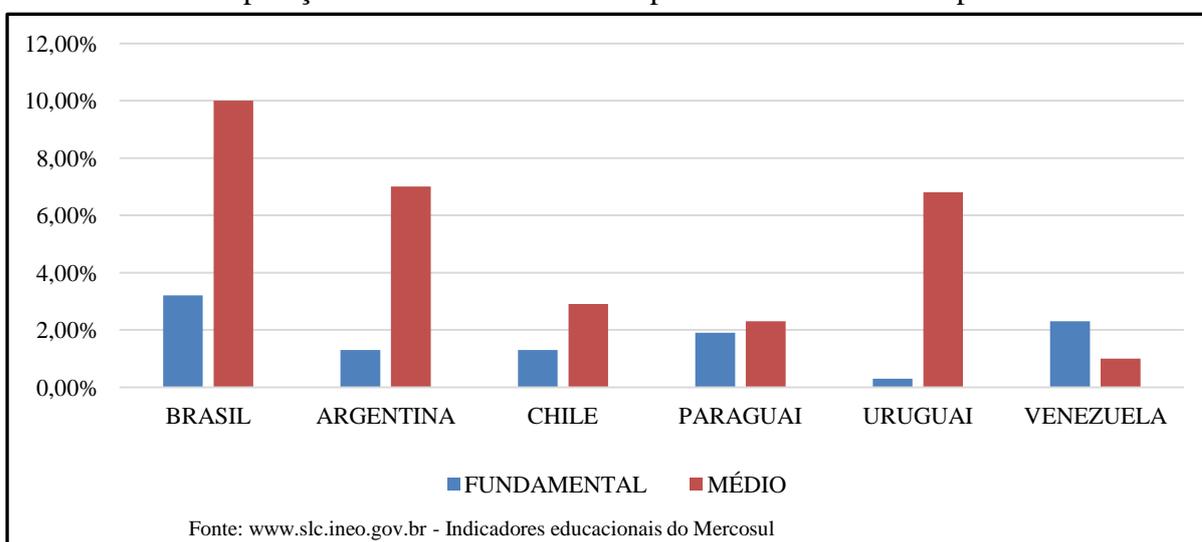


Outros dados também podem ser verificados, de acordo com os gráficos 3,4,5 e 6 no anexo, onde está estratificado o nível de aprendizado por Estados, série e disciplina, informando o percentual de cada Estado em comparação com a média do Brasil. Outra forma de verificar estes dados, são as tabelas 15, 16 e 17 (Anexo), que apresentam os alunos com o nível de aprendizado adequado versus as metas propostas pelo governo para 2011, estratificado por estados no Brasil. Nosso objetivo, ao apresentar tais dados, foi colocar em relevo as desigualdades existentes no Brasil e, mais do que isto, destacar a urgência em propor

políticas distintas para cada região. Em nosso juízo, uma política pública singular destinada à melhoria do nível de qualidade da educação, aplicada na região sul, pode ser favorável. No entanto, aplicar a mesma política em uma região que está com os níveis muito baixos de aprendizagem, pode ocorrer em um retorno impremeditado e/ou distante do que foi proposto.

Em relação ao índice de abandono, comparando ensino fundamental e o ensino médio, podemos analisar outros parâmetros no gráfico 7. Assim, foi utilizado os índices dos países do Mercosul para podermos fazer uma comparação. Os países verificados são considerados mais pobres que o Brasil em termos de PIB. Assim uma relação de abandono escolar maior no Brasil não se justifica em termos de riqueza do país.

Gráfico 7 – Comparação do índice de abandono por nível de ensino nos países do Mercosul



5. A Pesquisa Empírica

A intenção de colocar a etnografia como referência de uma prática para validar os dados do trabalho apresentado, deveu-se de eu ter que considerar também que a inserção na investigação de campo deveria ser aplicada neste trabalho sobre a qualidade da educação. Esta formalidade foi necessária devido minha percepção também, como ator dentro das escolas no meu processo de estágio. Assim, no lugar de educador, estou agora também inserido no lugar do pesquisador, situação que adensa o envolvimento subjetivo com o tema, atores, conceitos e técnicas de levantamento de dados. Ainda que, como futuro educador e neste estudo também pesquisador, adote contextos desta pesquisa ainda carente de experiências, certamente ela é válida como parâmetro de referência para validar os dados levantados.

5.1 Da Pesquisa Empírica - Método utilizado.

Esta pesquisa qualitativa se destina a complementar o trabalho ora visto, nos eixos que direcionei para discussão. A ideia da pesquisa foi de poder agregar dados, agora de uma forma direta, juntamente com os autores que fizeram parte da discussão do tema, alunos e professores, e confrontar os dados oficiais com os dados tomados junto aos atores.

As escolas utilizadas tinham no seu total 3272 alunos, sendo que a escola “A” tem 536 alunos (220 alunos no ensino fundamental e 316 no ensino médio), a escola “B” tem 876 alunos (355 alunos no ensino fundamental e 521 no ensino médio) e a escola “C” 1860 alunos (455 alunos no ensino fundamental e 1405 no ensino médio) em ambos níveis de ensino: fundamental e médio. Assim foi efetuado a pesquisa com 4,8% dos atores que frequentam o ensino médio nestas escolas.

Desta forma, o que consideramos como ator, na perspectiva desta pesquisa, foram os grupos de pessoas, dispendo de certa capacidade de ação coletiva livre e consciente em um local social definido, e aqui me refiro às escolas, onde estes atores se propuseram a participar livremente do trabalho. Estes atores foram os grupos formalmente constituídos que eu necessitava para desenvolver o trabalho, Professores e alunos. Com relação aos professores, o que se esperava dos mesmos, era que eles explorassem e/ou explanassem conceitos, palavras inseridos no seu dia a dia, de modo que sua fala pudesse reproduzir as angústias e/ou as satisfações correspondentes à prática da docência.

O que se obteve foram as interpretações fundamentadas na realidade da qual eles fazem parte, visto que uma boa parte dos professores sentem-se vítimas de um sistema de ensino que eles acreditam que lhes é imposto, ou seja, segundo os professores, eles não são vozes para serem consultados ou terem escolhas, simplesmente afirmam que tenham que cumprir o que “já vem pronto”. As entrevistas com os atores da pesquisa, professores e alunos, nas suas diversas representações, se constituem num procedimento pertinente em termos de validação dos dados, além do que servem de base para uma avaliação adequada das conclusões deste estudo.

Participaram desta pesquisa 109 alunos, das três escolas, das 1^{as} e 3^{as} séries do ensino médio e 12 professores.

5.2 Área da Pesquisa - Currículo / Disciplinas

A intenção foi de verificar junto aos alunos a relação destes com as disciplinas, quais eram as que os alunos rejeitariam, quais deviam ser dadas prioridades, qual sua participação

(carga horária) no desenho curricular da escola, etc. A intenção neste ponto foi verificar se, com relação aos alunos, haveria algum ponto que pudesse influenciar o nível da qualidade de ensino nas matérias que são avaliadas. A conclusão da pesquisa nos mostra que não há um problema com as matérias de português, matemática ou ciências, que são as avaliadas na Prova Brasil ou no Enem. As matérias que foram apontadas como difíceis e que deveriam ter seus tempo reduzido ou que as mesmas fossem suprimidas do currículo foram Química e Física.

Deste modo, percebemos que as matérias que são avaliadas e que tem um baixo nível de aprendizagem, não são as que os alunos consideram as mais difíceis. Pelo contrário, a pesquisa mostra que os alunos gostam destas matérias e gostariam que sua carga horária fosse aumentada. (Gráficos 8, 9,10 e 11 no anexo). Então podemos questionar: Por que temos um baixo nível de aprendizado nestas matérias?

Outro ponto foi com relação ao Politécnico. O que percebemos, em contato com os alunos, foi um certo “desanimo” quando se referiam ao Politécnico. Isto se confirmou na pesquisa. Dos alunos que responderam nossas questões, praticamente 50% afirmaram que este ensino não é importante ou não o está ajudando. Este é um número preocupante visto que se trata de uma política pública destinada também à preparação para o mercado de trabalho. Assim, no Brasil o ensino politécnico é equivalente a Educação Profissional e Tecnológica, tanto em nível médio, quanto superior, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 39: “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”.

5.3 Área da Pesquisa – Avaliação / Sistema

A ideia foi verificar se todos os alunos sabiam do significado do ENEM e da importância deste exame para eles. Dos alunos respondentes, 25% dos não sabem o que é ou não conheciam a palavra ENEM. Esta é uma grande porcentagem e que deve ser verificado mais profundamente.

Nas questões que tratam deste tópico, procurei recuperar elementos do sistema de avaliação vigente hoje, por que temos nas escolas a Avaliação Emancipatória. Neste sistema, a avaliação é expressa através de conceitos onde os professores tem uma certa autonomia de poderem trabalhar a avaliação dos alunos, conforme cada escola. O problema deste tipo de avaliação se refere ao ponto de que a Prova Brasil e o ENEM é através de notas, ficando o

aluno com dois tipos de avaliação, um na escola e outro quando vai ser avaliado nas provas do governo. Estes parâmetros diferentes podem causar divergências na nossa percepção, onde podemos não conseguir identificar com mais precisão o real aprendizado do aluno, pois ficasse sem uma referência de nota nas escolas, comparando com as notas dos exames nacionais. São as provas das avaliações oficiais mais exigentes ou a escola esta deficiente no aprendizado?

A pesquisa mostra diretamente que os alunos preferem o sistema de avaliação por notas e não por conceitos, pois mais de 80% dos alunos preferem a avaliação por nota, e quase 60% destes alunos refutam a Avaliação Emancipatória. (Gráficos 12, 13 e 14 no anexo). Nota: Estas respostas carecem de aprofundamentos de refinar a pesquisa para tentar procurar explicar o porquê desta preferência. Que fatores podem explicar esta posição/escolha dos alunos?

5.4 Área da Pesquisa – Professor / Escola / Educação

A relação entre qualidade da educação e a percepção sobre o trabalho das escolas é, para os efeitos deste estudo, umas das co-responsáveis pela baixa qualidade da educação. Vemos na pesquisa que os alunos percebem positivamente seus professores, visto que, na opinião dos alunos, mais de 83% dos professores estão na faixa de médios a bons e de que a escola que eles estudam, na opinião de mais de 85% dos alunos, é de média a boa. Não obstante, mais de 71% destes mesmos alunos acham que a qualidade da educação está de ruim a insuficiente. (Gráficos 15, 16 e 17 no anexo). Podemos então questionar: “Se temos escolas boas, professores bons, porque os alunos dizem e se referem que temos uma educação de baixa qualidade?”

5.5 Área da Pesquisa - Violência / Classe Social

Este tema foi escolhido para verificar dentro das escolas uma questão muito presente hoje e que a mídia divulga diariamente, a violência nas escolas. Também o objetivo foi verificar se os alunos destas escolas se enquadravam no contexto da escolha desta escola, ou seja, as escolas estavam localizadas dentro de áreas de classe média e procuramos verificar qual a porcentagem de alunos de ambas as classes: média e baixa frequentavam estas escolas. Desta forma, temos, hoje, 62% de alunos da classe média dentro das escolas. Este dado apresenta correspondência com o crescimento da classe social média nos últimos anos. Temos

63% de brancos e somente 14% de negros dentro de nossas salas de aula das três escolas pesquisadas. Se hoje, segundo o último senso do IBGE 2010, temos mais negros que brancos no Brasil (97 milhões de negros/pardos e 91 milhões de brancos aproximadamente), onde estão os alunos negros de nossas escolas? Com relação a violência dentro das escolas, temos que aproximadamente 73% dos alunos acham que há violência dentro da escola que ele estuda. (Gráficos 18, 19 e 20 no anexo).

Com relação à violência, sintomático foi relato de uma professora na escola “B”, segunda ela, duas semanas antes desta pesquisa ser feita, a escola ficou em torno de 10 dias praticamente sob toque de recolher imposto por uma gangue do bairro. Durante a entrevista esta professora olhou para mim e perguntou: “Qual é a principal coisa na vida de uma pessoa?”. A resposta foi que “poderia ser a pessoa se alimentar, respirar”. Ela disse que não, “Era sobreviver”, assim com medo da violência e com medo de morrer, ou seja, em função deste fator muitos alunos se evadem, abandonam as escolas, pois além de não saberem ao certo o que podem ter no futuro dentro das escolas, ainda estão sujeitos a perderem a vida e, segundo esta professora, o ponto número um dos seres humanos, é viver. Nestes dez dias a escola ficou praticamente vazia.

5.6 Área da Pesquisa – Entrevista com Professores

Por ocasião da análise qualitativa das entrevistas⁶ junto aos professores, procuramos interpretar e organizar os dados para que os mesmos mostrassem os detalhes sobre o que apresentei em meu trabalho.

A entrevista foi realizada com doze professores do ensino médio em três escolas diferentes conforme informado acima. A pergunta direcionada aos professores foi; “Conforme os dados oficiais do governo, o nível de aprendizagem se encontra em um nível muito baixo, configurando que temos uma baixa qualidade da educação no Brasil, conforme as últimas avaliações do ensino Fundamental e Médio. Baseado nestes dados, você acha que existe um baixo nível da educação no Brasil? Se sim, quais os fatores que você acredita podem estar causando este problema?”

Temos respostas unânimes em relação à: i) Falta de valorização financeira e moral que já perdura por anos; ii) O distanciamento da família dos alunos para com a escola; iii) Diretrizes que vem de “cima para baixo”, onde os professores não são escutados, aqui os

⁶ Todos os extratos destas entrevistas estão no Apêndice II - entrevistas.

professores se referem a mudanças que devem ser implantados na escola, mas os professores não são consultados. Estes três pontos foram os mais salientados pelos professores. Alguns dos professores percebem o desinteresse dos alunos, falta de respeito e limites. Os alunos se sentem obrigados a estarem na escola e não sabem porquê estão lá. Os professores estão desmobilizados, isto é um dos fatores que podem ser interferentes da baixa qualidade na educação. Muitos professores reportaram a que o problema da baixa qualidade no ensino médio, é a base fraca com que os alunos que terminam o ensino fundamental chegam ao ensino médio, isto acarreta problemas de deficiência para acompanhar os novos conteúdos. A formação dos professores também foi muito relatada pelos próprios professores, como fator que contribui para estes números tão baixos, pois professores contratados emergencialmente ou nomeados não tem a mesma responsabilidade dos professores de sala de aula. Com a maioria dos professores doentes e os mesmos estando “engessados” por diretrizes que “vem de cima”, conforme palavras destes professores, e ainda com a obrigação de uma aprovação mínima de alunos e cumprir currículos que não são adequados a estes mesmos alunos, os professores também se desinteressam pela profissão e por melhorar a si mesmo, segundo vários relatos⁷.

6. Conclusão

O trabalho teve como principal objetivo mostrar através da análise das informações dos bancos de dados do INEP/MEC, entre outros, os atuais índices da qualidade da educação no Brasil. Neste contexto, insere-se uma educação de baixa qualidade se compararmos o rendimento da educação básica com as metas estipuladas pelo governo, conforme os níveis mundiais, nível 6 (60% de aprendizado). Alguns aspectos, considerados como os principais responsáveis por esta baixa qualidade em nossa educação pública, foram selecionados e verificados junto as informações decorrentes nos sitios do governo e junto as escolas através de uma pesquisa empírica, sobretudo procurando apreender as percepções e interpretações dos estudantes e dos professores.

Pesquisar e refletir sobre a qualidade da educação é uma tarefa extremamente desafiadora, dada a relevância e a complexidade envolvida no tema. Este processo implicou desde a definição do conceito que se usaria para definir a qualidade para a educação, até a questão referente as políticas públicas já implantadas ou em curso e que são alvo de preocupação do governo, professores, alunos e sociedade. Há um foco direto de todos os

⁷ Ver apêndice II.

envolvidos para resolver a questão, mas também parece que todas as ações não surtem os efeitos desejados. E este trabalho teve a intenção de tentar verificar qual o fator que poderia estar interagindo diretamente com mais força para que os resultados não ocorrem como esperado.

As políticas públicas estão sendo implantadas para tentar melhorar a qualidade de nossa educação. Os pontos que foram propostos analisar com referencia a políticas públicas para a educação estão acontecendo, senão vejamos: Os investimentos na educação, se ainda não estão nos 10% do PIB do Brasil como estipulado pelo último PNE, está próximo; o investimento em educação está, hoje, em 6,4% do PIB, o que equivale a 106,6 bilhões de investimento nesta área. Com este investimento verificamos conforme o último senso que a maioria das escolas já contam com uma boa estrutura de Internet, sala de informática, merenda entre outros. Há ainda deficiências na parte de biblioteca e cancha de esportes, mas a melhora está sendo substancial nos últimos anos.

Conforme os dados levantados, tivemos um aumento com referencia a formação do professor. A passagem de 68% de professores em 2010 para 74% em 2011 de professores com curso superior dentro das salas de aula revela um aumento substancial. Mas mesmo assim, a qualidade da nossa educação não evolui como o esperado. Os dados aqui foram analisados trabalhou várias variáveis, o que era a finalidade deste estudo, e que pudéssemos talvez enxergar em uma destas variáveis, alguma que se mostrasse mais importante e que poderia estar influenciando na qualidade da nossa educação.

Conforme visto, temos políticas e programas na área da educação sendo implantadas pelo governo há algum tempo. Na pesquisa com os alunos destas três escolas, não se verificou nada que pudesse ser foco de um estudo mais profundo por parte dos alunos, pois as matérias avaliadas: Português e Matemática, não foram alvo de críticas. Os alunos confirmam em quase 80% do levantamento que eles tem uma boa escola e professores. As matérias que são avaliadas nos exames nacionais não foram alvos de críticas, inclusive o que ocorreu foi de solicitarem seu aumento de carga horária. Não temos como negar o processo de democratização do sistema educacional brasileiro. Isto quer dizer que alunos de classe menos favorecidas financeiramente estão tendo mais acesso à escola por meio do aumento do número de matriculas nas unidades de ensino e também com melhores escolas. Entretanto, cabe considerar que somente o acesso não está garantindo ao aluno êxito na continuidade com uma melhor qualidade nesta educação.

Desta forma, o foco ficou sobre os professores, e o que se teve nas entrevistas com as falas destes professores, foram professores totalmente desmotivados, insatisfeitos com sua

profissão, clamando principalmente por duas coisas: reconhecimento salarial e moral. Os professores reportaram que, devido ao baixo salário, tem que trabalhar em duas ou três escolas. Desta forma, não conseguem se atualizar, mal conseguem verificar o livro do currículo para as aulas futuras, pois a adoção de livros diferentes em cada escola é um transtorno para eles. Eles sentem que estão em uma corrida com os alunos, às vezes os alunos passam os professores, em outras vezes o professor recupera, mas esta é a luta diária segundo eles (professores “A”, “B” e “C” da escola “A”). Tratamento médicos parece ser algo normal dentro das escolas. Um dos entrevistados chegou a sugerir que fosse perguntado, para algum professor informar o nome de um dos livros que se encontra no Top Ten dos mais lidos neste ano, e completou: “Nenhum professor conseguirá dizer o nome de algum destes dez livros, muito menos falar do livro”.

Neste contexto, vemos a maioria dos professores desmotivados, devido aos baixos salários e às condições de trabalho que lhes exige além do limite; por não serem reconhecidos como essenciais pela profissão que exercem, e por não serem ouvidos, tanto pela sociedade como pelo Estado. Com efeito, eles não conseguem se atualizar e nem estudar novas metodologias para poderem preparar uma aula melhor para os nossos atuais estudantes, que tem conhecimentos das tecnologias, tem outros saberes, e que carecem de uma nova metodologia para trazerem os mesmos para dentro das salas de aula.

A conclusão que se chega neste trabalho é que temos duas variáveis que devem ser verificadas, uma destas variáveis equivale a uma ação direta e a outra carece de pesquisa. Com relação a que merece uma ação direta, conforme Freire na sua obra *Pedagogias do Oprimido*, está colocado o fator humano: é de que teremos que olhar para os nossos professores, valorizar os mesmos financeiramente para que estes consigam diminuir seu tempo dentro das escolas, retornarem dentro das universidades para se atualizarem com cursos de aperfeiçoamento e novas formas de didáticas, para poderem acompanhar o ritmo de nossa atual geração de jovens. Com estes professores valorizados e com tempo para se dedicarem a menos alunos, pode ser o começo de que necessitamos para termos uma melhor qualidade de nossa educação. Assim como a reportagem que foi trazida anteriormente pelo Jornal “O Globo”, sobre o alto nível de aprendizagem nas escolas localizadas em regiões pobres, e que a razão primordial para que isto ocorresse foi o fator humano, ou seja, professores mais dedicados para os alunos destas escolas.

Pequenos fatos, como o que foi verificado neste trabalho do fator humano como sendo um dos principais fatores influentes na baixa qualidade da educação, pode estar relacionado

ao grande problema de não conseguirmos resolver a contento a questão de melhorar a qualidade da educação como necessitamos.

A segunda variável que me referi e que precisa de uma pesquisa, é com referência a queda de rendimento dos alunos no nível de aprendizagem conforme os anos de ensino. Para o ensino médio, os professores se referem que os alunos chegam sem uma base adequada do 9º ano, e assim esta é uma das razões para a queda no aprendizado no ensino médio. Mas o que ocorre nesta transição das séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental? Qual o fenômeno que acontece em todas as escolas de haver esta queda no aprendizado destes alunos? Este é o outro fator, ou problema, que deve ser melhor estudado pelos educadores. Talvez conseguindo decifrar o que ocorre nesta passagem das séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental, que os alunos sentem tanto, a ponto de ser em todo Brasil o problema, conseguimos achar outro fator para podermos trabalhar e que vai nos ajudar a melhorar nossos índices de qualidade da educação. Atuando sobre estes dois pontos, conseguiremos talvez ter uma maior facilidade de resolver a questão da baixa qualidade da educação básica Brasileira.

Da mesma forma, a conclusão que se chega neste estudo como uma condição principal para melhorar a qualidade da educação no nosso país é que necessitamos olhar primeiro para o fator humano, nossos professores. Precisamos reverter o atual momento em que eles se encontram, necessitamos de um maior empenho e que eles se sintam valorizados. Mas para que isto ocorra, os mesmos necessitam se aperfeiçoar e serem reconhecidos, neste ponto entra o Estado com uma maior valorização, cursos de aperfeiçoamentos obrigatórios a todos docentes, contratação de mais professores e diminuição da carga horária para um melhor acompanhamento dos alunos com deficiência no aprendizado. O segundo ponto é a transição entre as séries iniciais para as séries finais do ensino fundamental que está falha.

Hoje podemos dizer que nossa educação é semelhante à um navio, onde o professor seria o timoneiro, mas este não consegue verificar o rumo que ele deve levar este navio, por não ter tempo de estudar os mapas, assim navega somente durante o dia, mas sem uma direção definida, sem saber onde ir.

REFERÊNCIAS

ALBENOE, Alberto Noé - A RELAÇÃO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - Os Fatores Sociais que Intervém no Processo Educativo - Universidade de Campinas - Campinas, vol. 5 nº 3 (17) set / 2000

ANDREOTTI, Vanessa. Conhecimento, escolarização, currículo e a vontade de “endireitar” a sociedade através da educação. *Revista Teias*. Vol. 14, n. 33. 2013.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 1ª edição (Between past and future): 1961.

BANCO MUNDIAL. Aptidões para o desenvolvimento – Relatório sobre o desenvolvimento Mundial. Washington: Oxford University Press, 1995

BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2011

_____. *Modernidade e Ambivalência*. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999.

BOASQUIVES, Mery Alves – Capital Humano : Benefício x Resultados – Trabalho de pós-graduação Universidade Candido Mendes.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. A Reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre – RAZÕES PRÁTICAS Sobre a teoria da ação – 9ª edição –Papirus Editora – 2008 .

_____- Sociologia – Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi – São Paulo – Ática Editora - 1983.

CARDOSO, Raquel – Luta contra o Estigma - Fundação Getulio Vargas Tópico: CPS 06/02/2010 – Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/ibrecps/clippings/mc319.pdf>

CORAZZA, Sandra. O que quer um currículo. Petrópolis: Vozes, 2001.

DALE, Armstrong. Uma visão contemporânea da avaliação. *Revista Presença Pedagógica*, v. 10, nº. 57. Belo Horizonte: Dimensão, maio/junho, 2004 (entrevista).

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociologia*. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____, Juarez T. A - A escola como espaço sociocultural - 2007a – Disponível em: http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1068

DURKHEIM, É. Educação e Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - Saberes Necessários à Prática Educativa. Editora Paz e Terra, 25ª edição, 2002.

GUIZZOTTI, Antônio. “Da pesquisa qualitativa” in: *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo, Cortez, 1991, capítulo 1, pp. 77-87; e capítulo 2, pp. 89-106.

LAHIRE, Bernard -Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista -Educ. Pesqui. vol.30 no.2 São Paulo May/Aug. 2004 – Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022004000200009>

MACEDO, Roberto Sidnei., GALEFFI, D., and PIMENTEL A. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 174 p. ISBN 978-85-232-0636-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MEC/INEP – A Qualidade da Educação Brasileira: conceitos e definições. Disponível em: www.redecaes.com.br

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo, Boitempo. 2005

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa - Currículo: conhecimento e cultura – 15/10/2008 – Disponível em: <https://novaesperancaparaadiversidade.wordpress.com/page/7/>

NEVES, Regiane. O desenvolvimento cognitivo. Disponível em: 12/05/2011 - <http://meuartigo.brasilescola.com/educacao/o-desenvolvimento-cognitivo.htm>. Acesso em: 24 de abr. 2014

NÓVOA, A. ET AL. (Coord). Os professores e a sua formação. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PETERS, Gabriel - Habitus, Reflexividade e Neo-Objetivismo na Teoria da Prática de Pierre Bourdieu - Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 28 N° 83 - outubro/2013

SCHULTZ, Theodore. *O valor econômico da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SOUZA, Liliane Pereira - A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DE SOCIÓLOGOS FRANCESES AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR BRASILEIRA - Revista LABOR n°7, v.1, 2012

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Isabel. A experiência e as percepções de Jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, num. 02. Pág: 345-380, jul/dez. 2004

THIOLLENT, Michel. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo, Polis, 1980, capítulo 1, pp.31-39.

_____, “O processo da entrevista”. In: Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Capítulo III, São Paulo, Polis, 1980

_____, Metodologia da pesquisa-ação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

VASCONCELLOS, Celso – O desafio da Qualidade da Educação: Texto preparatório para o CONAE , Disponível em: www.celsovasconcellos.com.br/.../CSV-Desafio_da_Qualidade.pdf

VIRGINIO, Alexandre. *Gestão democrática: a educação como um direito: notas conceituais*. Fórum Mundial de Educação/2014. Disponível em: http://almanaquefme.org/MEMORIA_CANOAS/6.3.%20Alex%20Virgilio.pdf Acesso em: 13 de mai. 2014

_____. *Escola e emancipação: O currículo como espaço-tempo emancipador*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Sociologia, UFRGS. Porto Alegre. 2006.

_____. Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador. *Sociologias*. Vol.14 no.29 Porto Alegre. 2012.

Indicadores da OCDE - Educação e competências em meio à crise -Educação em Revista 2013. Disponível em: www.oecd.org/edu/eag-2013-sum-pt.pdf

<http://redes.moderna.com.br/2011/08/09/a-teoria-cognitiva-de-jean-piaget/>

http://www.unipvirtual.com.br/material/2011/bacharelado/material_estudo/proj_interv_cont_e_sp/unid_1.pdf

<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/metodologias/Artigo_projecoes.pdf
Acesso em 30 de abr. 2014

<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462005000200002> Acesso em 23 de abr. 2014

<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=1133538> Acesso em 13 de abr. 2014

<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=1288796> Acesso em 13 de abr. 2014

<http://www.qedu.org.br/brasil/proficiencia> Acesso em 3 de abr. 2014

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/escala/2011/escala_desempenho_matematica_fundamental.pdf

GRÁFICO 3

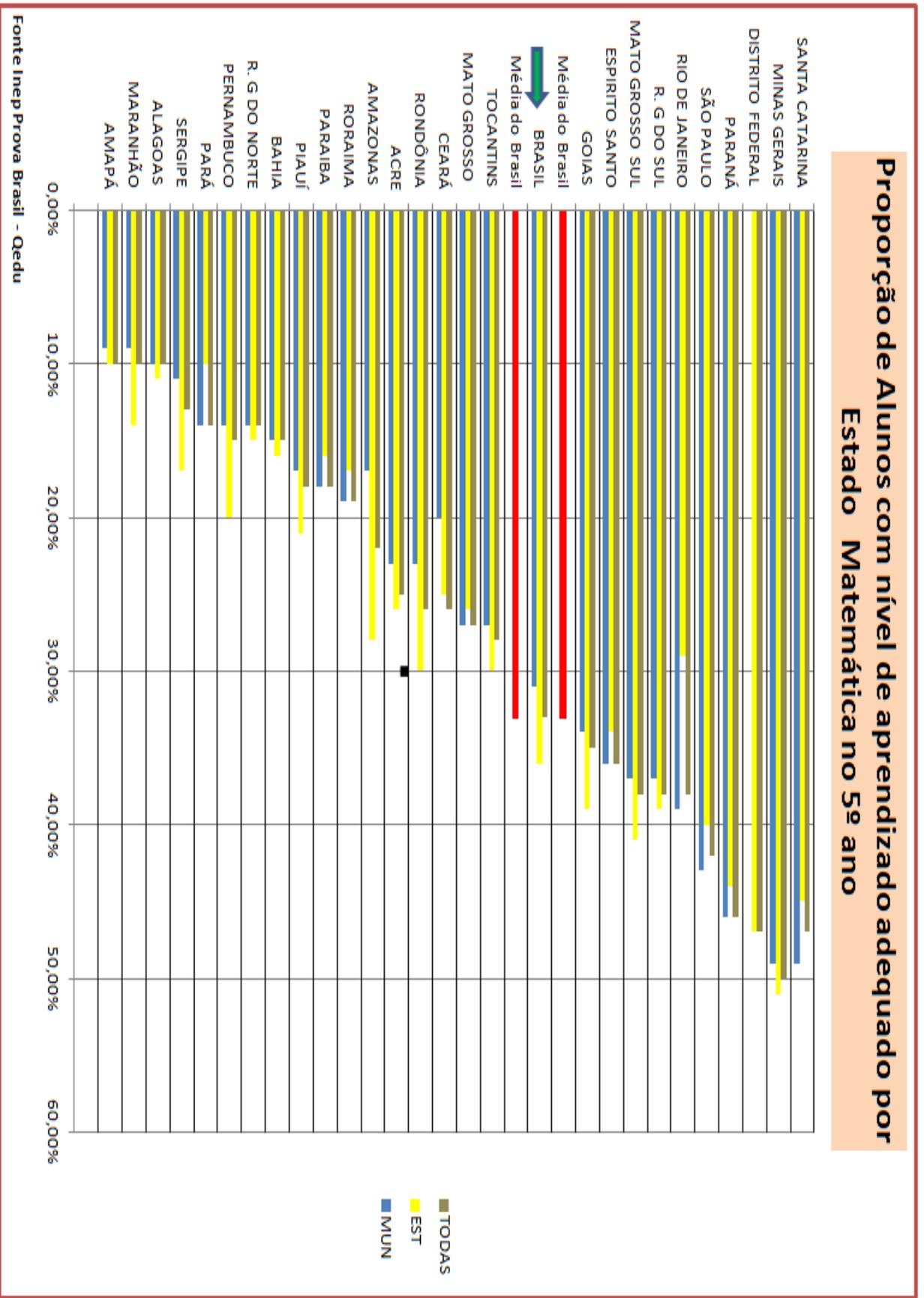


GRÁFICO 4

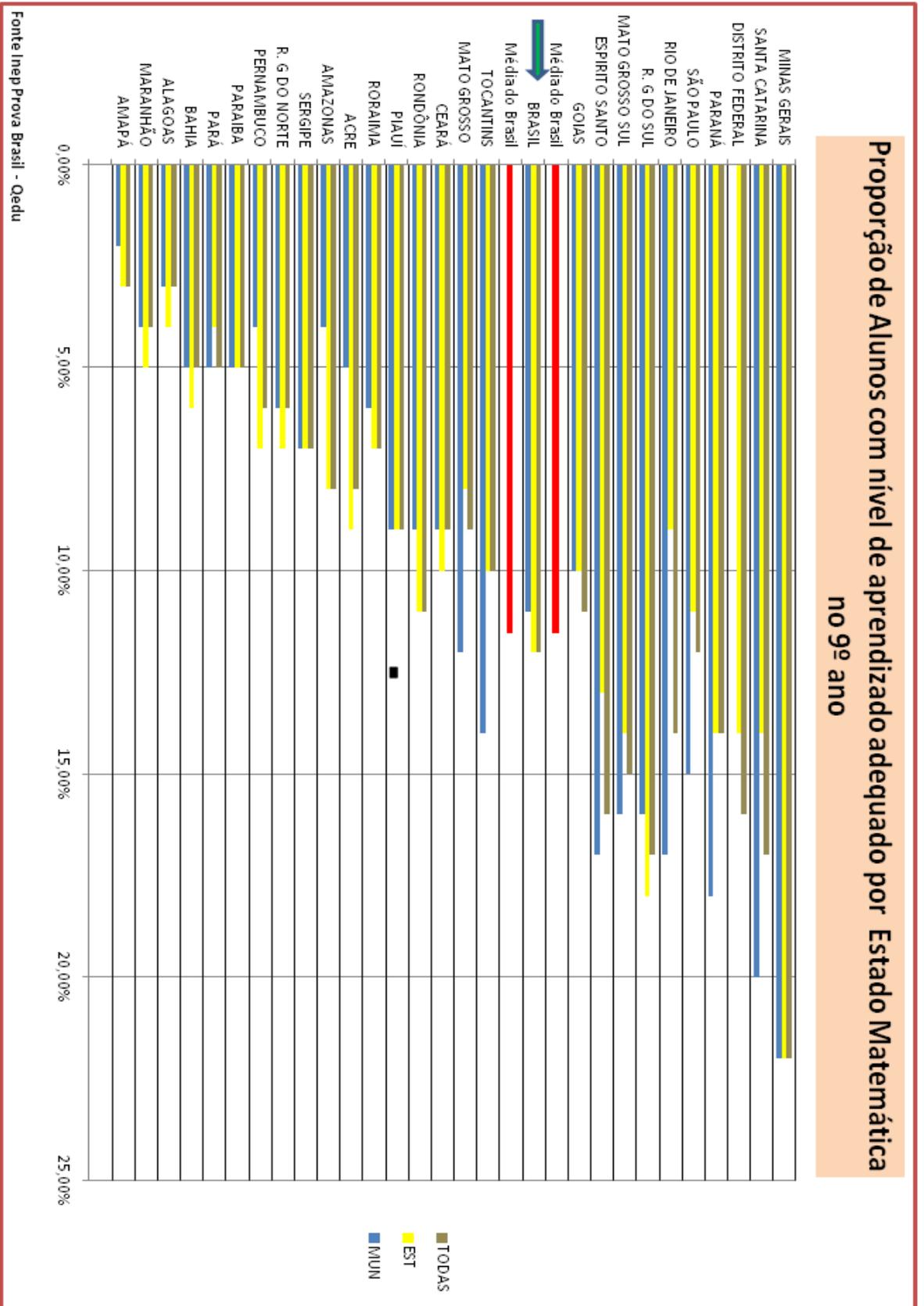
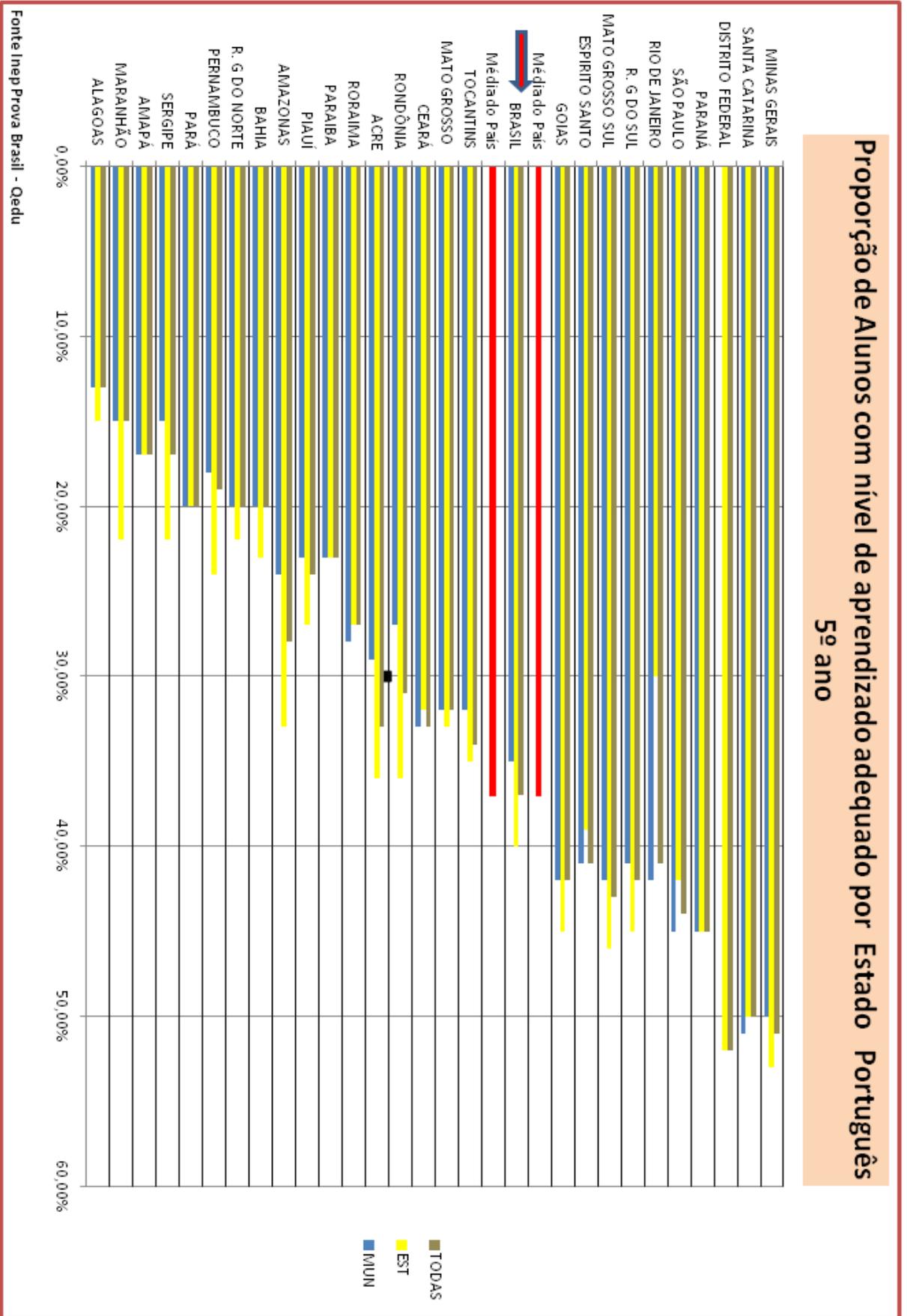
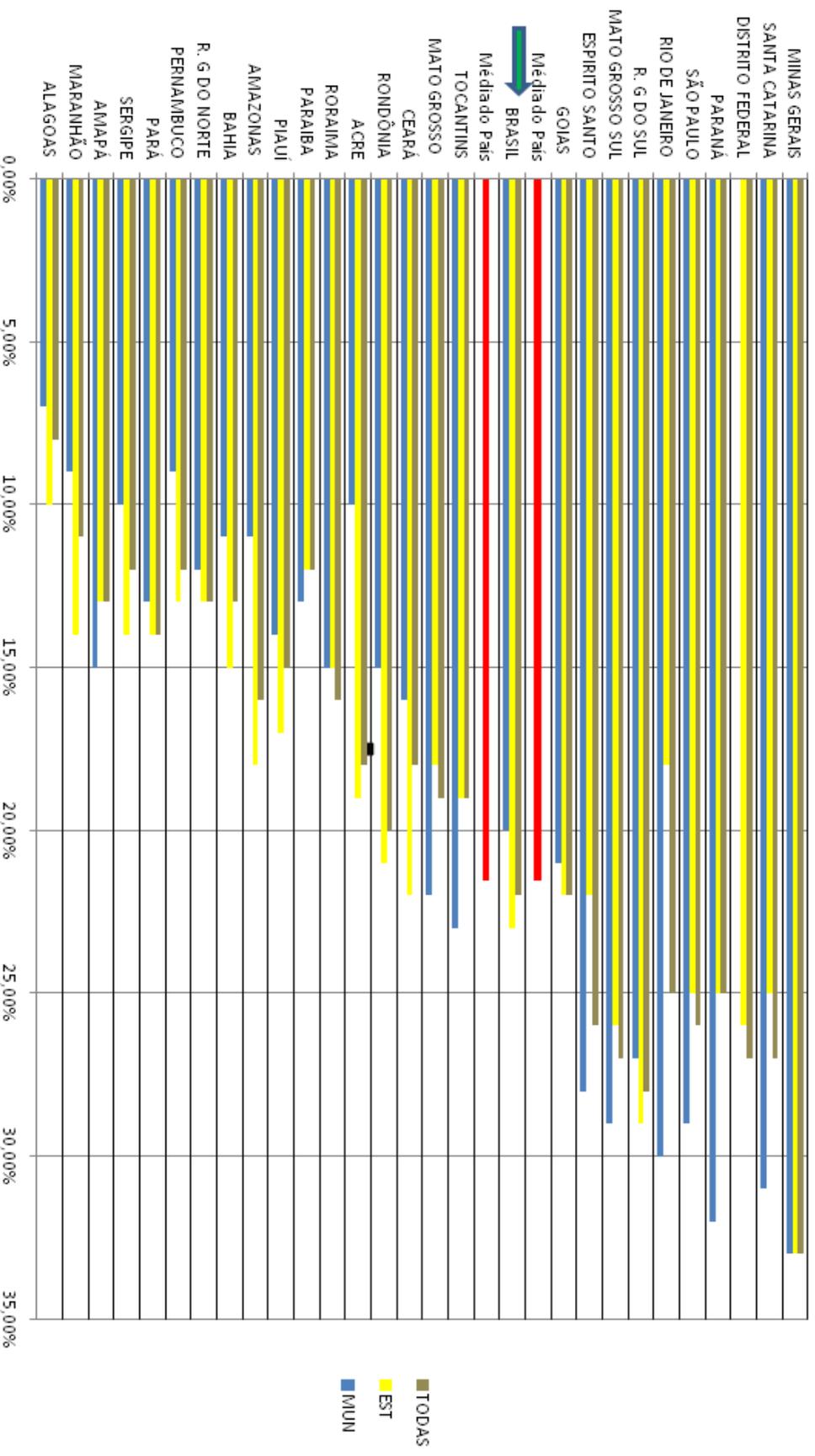


GRÁFICO 5



Proporção de Alunos com nível de aprendizado adequado por Estado Português 9º ano



Fonte Inep Prova Brasil - Qedu

GRÁFICO 6

Gráfico 8 - Em sua opinião, qual a matéria é considerada mais difícil:

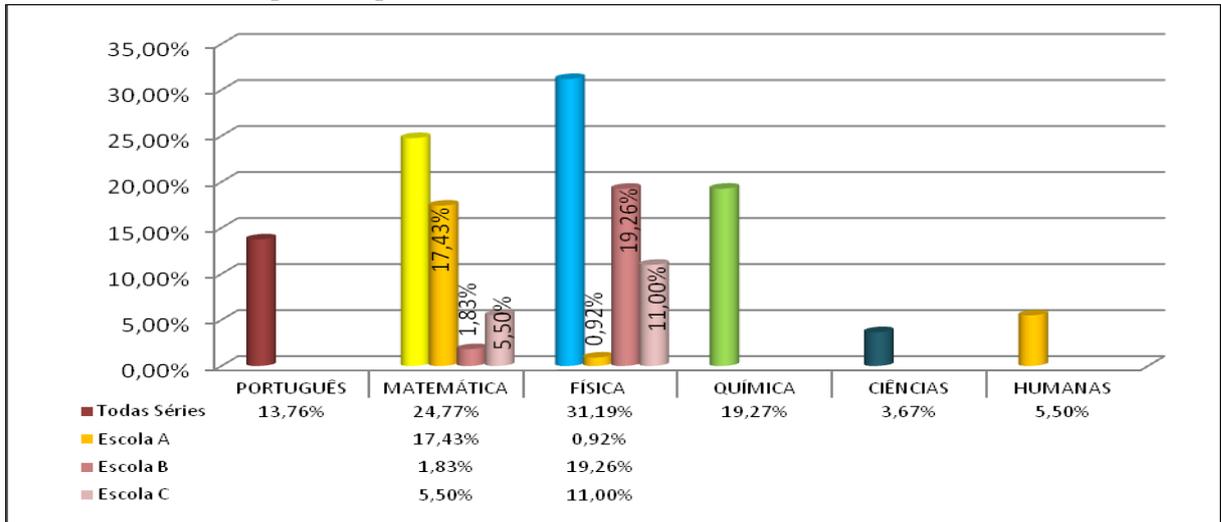


Gráfico 9 - Em sua opinião, qual matéria deveria ser suprimida na reforma do Currículo do Ensino Médio?

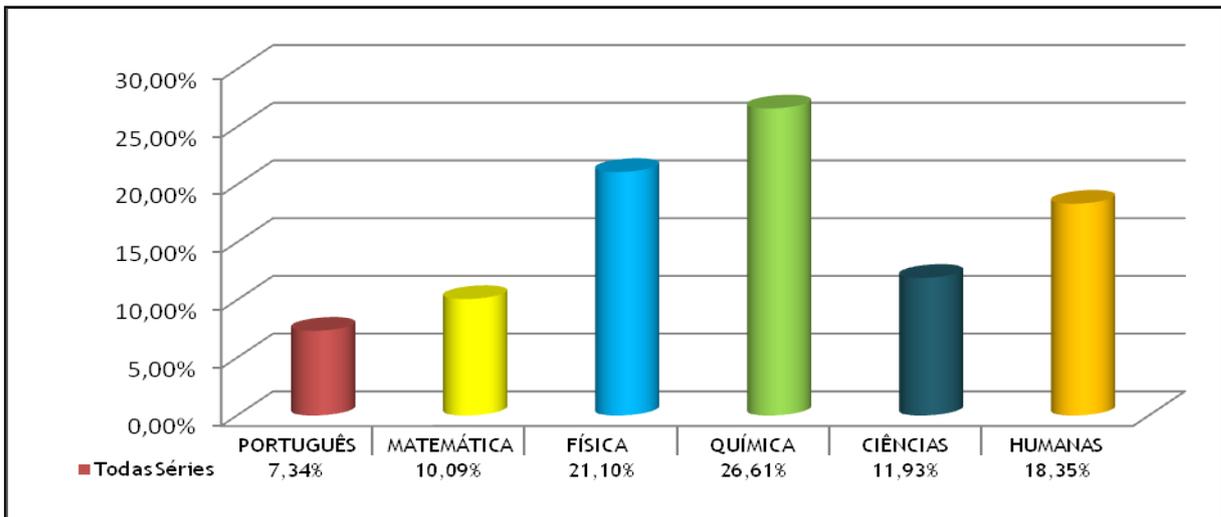


Gráfico 10 - Em sua opinião, qual matéria deveria ter seu tempo de aula aumentado:

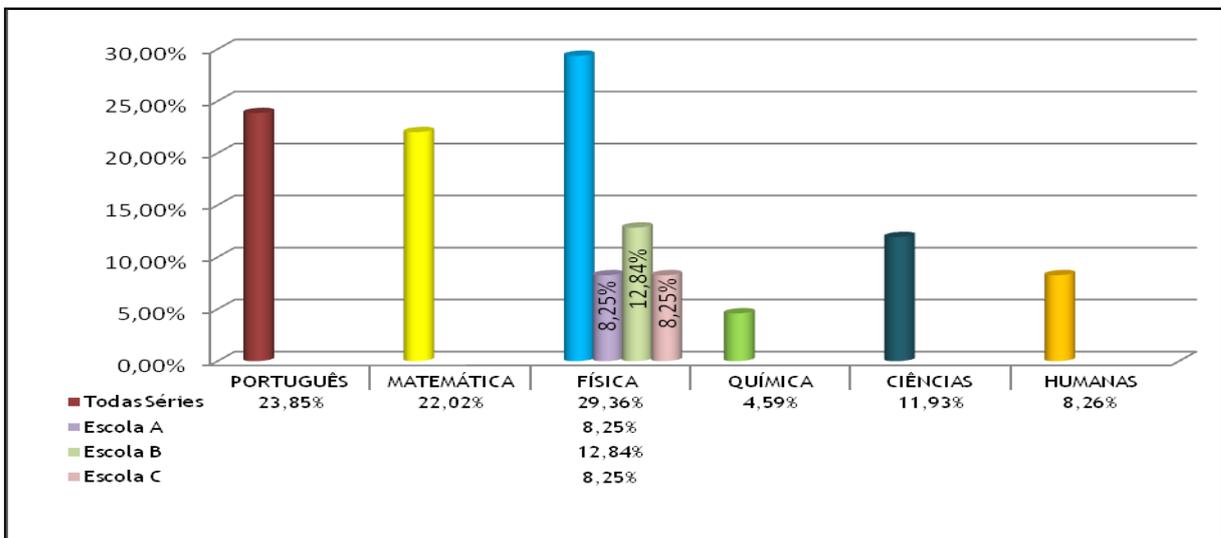


Gráfico 11 - Com relação ao Ensino Politécnico, em sua opinião ele:

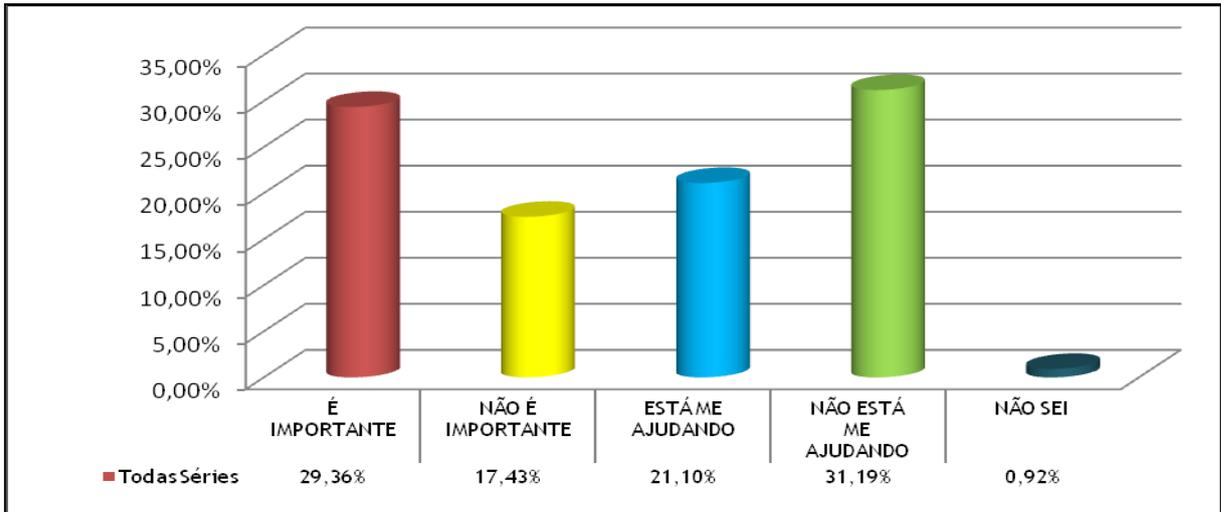


Gráfico 12 - O Brasil tem um sistema de avaliação do seu ensino Fundamental e Médio, na avaliação do ENEM, se avalia as matérias de Matemática, Português e Ciências. O Enem se refere a avaliação do:

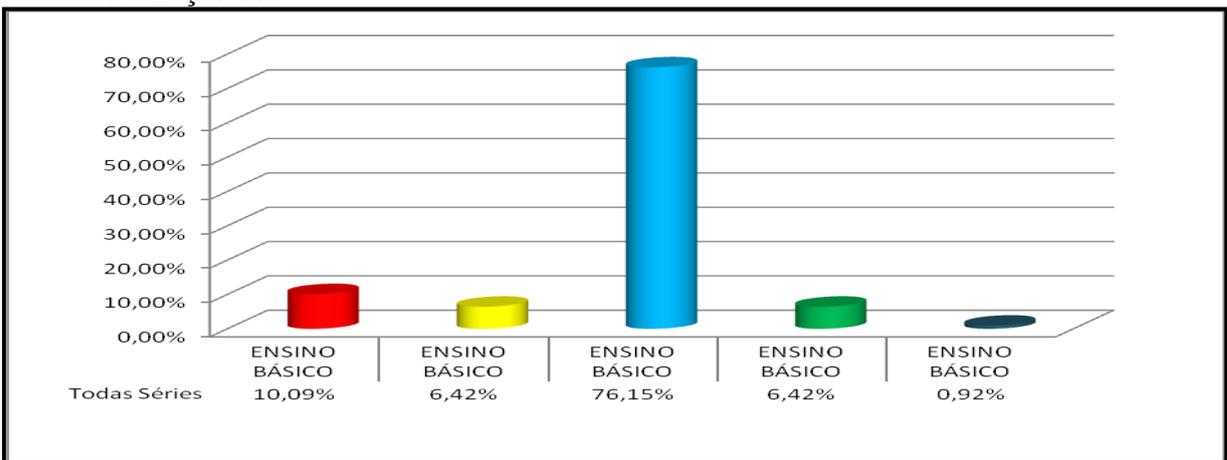


Gráfico 13 - Você considera o sistema de avaliação por notas (Notas de 0 a 10):

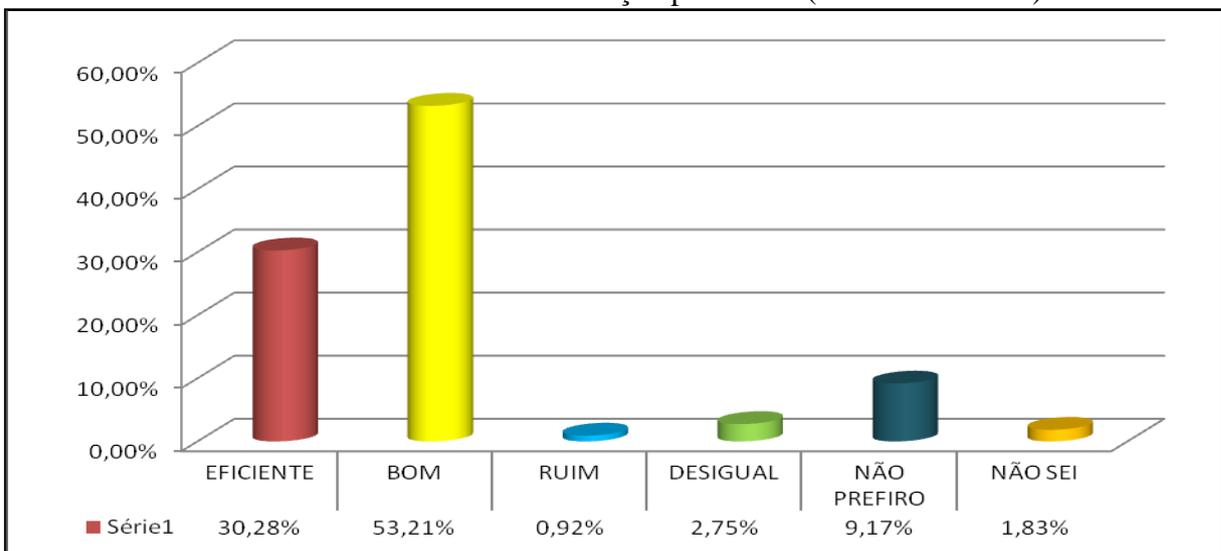


Gráfico 14 - Você considera o sistema de Avaliação Emancipatória (CSA , CPA , CRA):

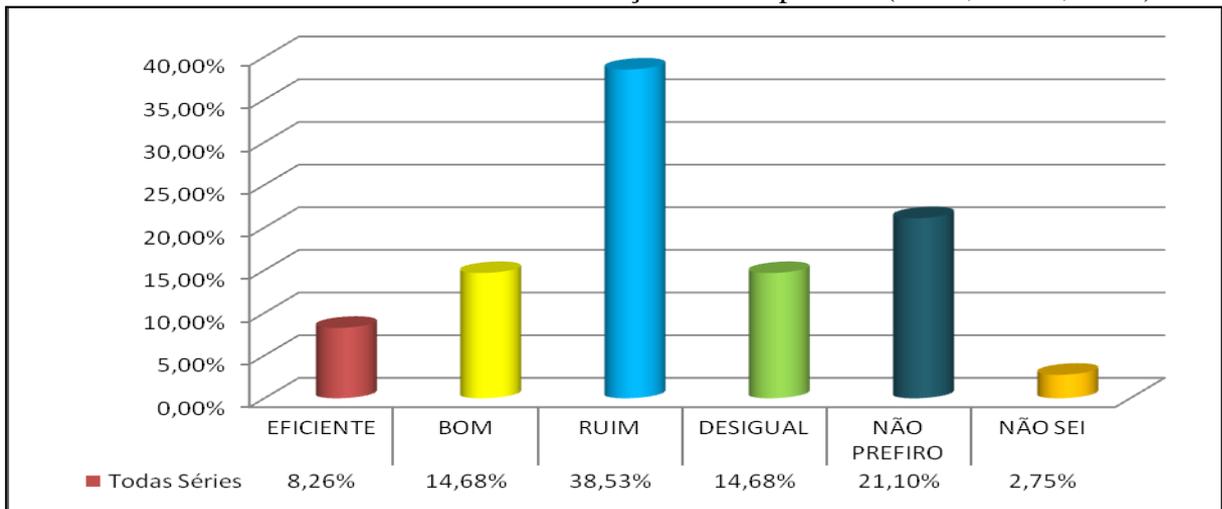


Gráfico 15 Em sua opinião, a educação Brasileira é: (Qualidade do ensino) :

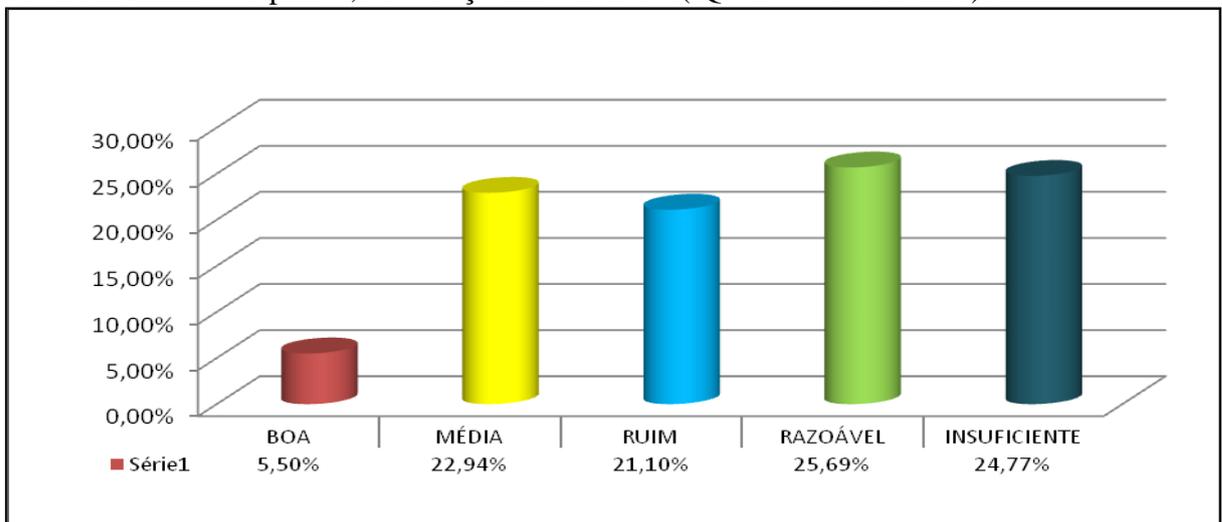


Gráfico 16 - Em sua opinião, os professores nesta escola são:

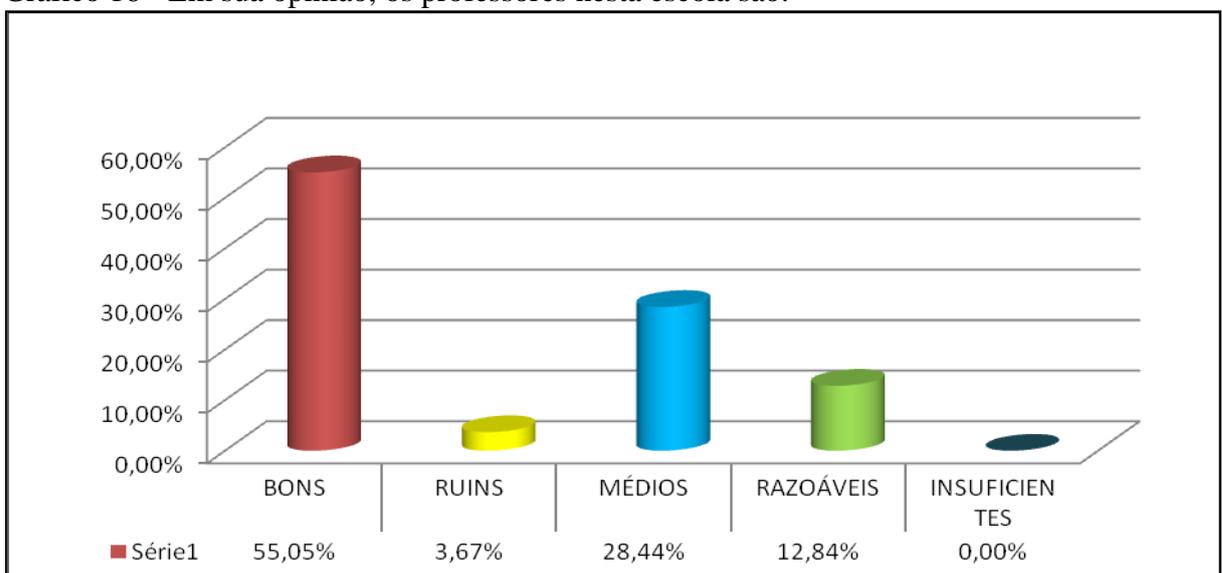


Gráfico 17 - Em sua opinião, você considera a escola que você estuda:

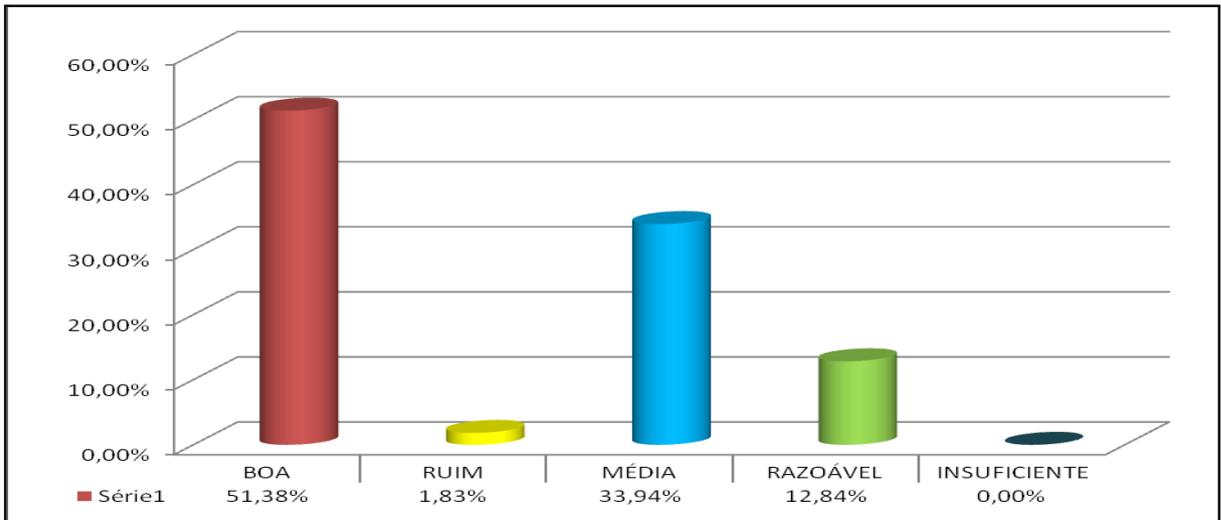


Gráfico 18 - Quanto a cor de sua pele ou raça, você se considera:

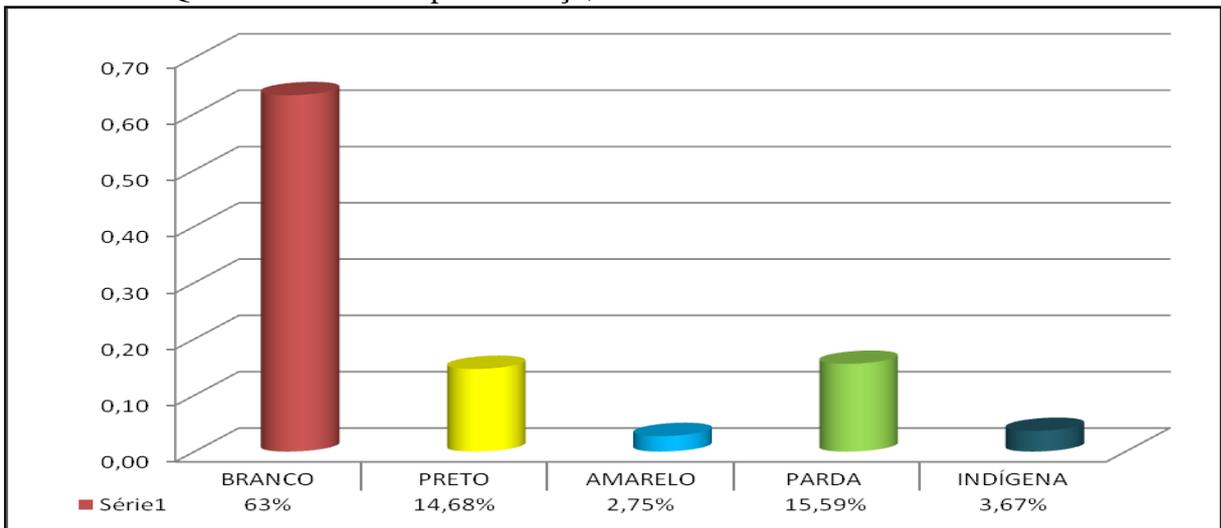


Gráfico 19 - Quanto a sua classe social, você se considera:

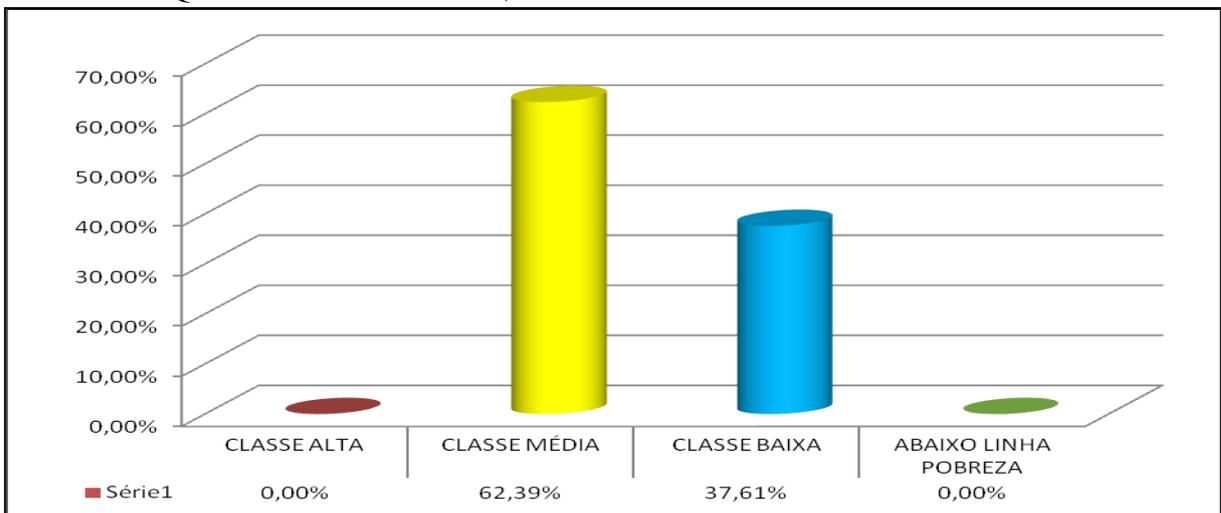


Gráfico 20 - Com referência a disciplina dentro das escolas (Bulling , agressão, violência, etc) em sua opinião ela:

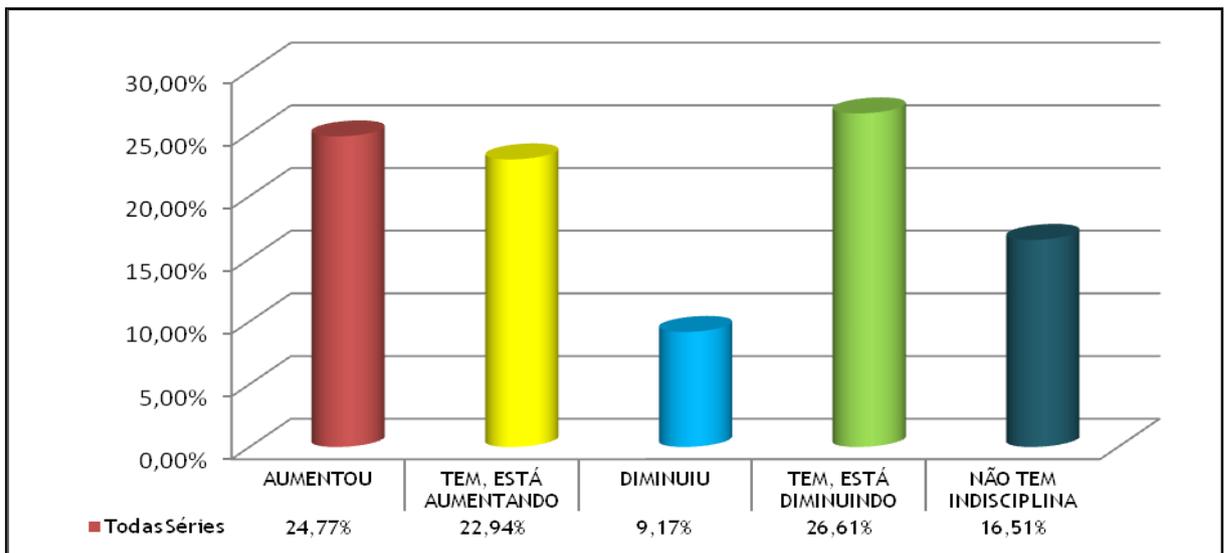


TABELA 14 – 9º Ano Ensino Fundamental – Tabela das Avaliações apresentadas pelo Ideb nos últimos anos versus meta projetada pelo governo.

Dados 2011	Ideb Observado					Metas Projetadas									
	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021			
Acre	3,5	3,8	4,1	4,2	3,5	3,7	4,0	4,4	4,8	5,0	5,3	5,5			
Alagoas	2,4	2,7	2,9	2,9	2,5	2,6	2,9	3,3	3,7	3,9	4,2	4,5			
Amapá	3,5	3,5	3,6	3,7	3,6	3,7	4,0	4,4	4,8	5,0	5,3	5,5			
Amazonas	2,7	3,3	3,5	3,8	2,8	2,9	3,2	3,6	4,0	4,2	4,5	4,8			
Bahia	2,8	3,0	3,1	3,3	2,8	3,0	3,2	3,6	4,0	4,3	4,5	4,8			
Ceará	3,1	3,5	3,9	4,2	3,1	3,3	3,6	4,0	4,3	4,6	4,9	5,1			
Distrito Federal	3,8	4,0	4,4	4,4	3,9	4,0	4,3	4,7	5,1	5,3	5,6	5,8			
Espírito Santo	3,8	4,0	4,1	4,2	3,8	4,0	4,3	4,7	5,0	5,3	5,5	5,8			
Goiás	3,5	3,8	4,0	4,2	3,5	3,7	4,0	4,4	4,7	5,0	5,3	5,5			
Maranhão	3,0	3,3	3,6	3,6	3,0	3,2	3,5	3,9	4,2	4,5	4,8	5,0			
Mato Grosso	3,1	3,8	4,3	4,5	3,1	3,3	3,5	3,9	4,3	4,6	4,9	5,1			
Mato Grosso Sul	3,4	3,9	4,1	4,0	3,4	3,5	3,8	4,2	4,6	4,9	5,1	5,4			
Minas Gerais	3,8	4,0	4,3	4,6	3,8	3,9	4,2	4,6	5,0	5,2	5,5	5,7			
Pará	3,3	3,3	3,4	3,7	3,4	3,5	3,8	4,2	4,6	4,8	5,1	5,3			
Paraíba	2,7	3,0	3,2	3,4	2,8	2,9	3,2	3,6	4,0	4,2	4,5	4,8			
Paraná	3,6	4,2	4,3	4,3	3,6	3,7	4,0	4,4	4,8	5,1	5,3	5,6			
Pernambuco	2,7	2,9	3,4	3,5	2,8	2,9	3,2	3,6	3,9	4,2	4,5	4,7			
Piauí	3,1	3,5	3,8	4,0	3,1	3,3	3,5	3,9	4,3	4,6	4,8	5,1			
Rio de Janeiro	3,6	3,8	3,8	4,2	3,6	3,8	4,1	4,5	4,9	5,1	5,4	5,6			
Norte	2,8	3,1	3,3	3,4	2,9	3,0	3,3	3,7	4,0	4,3	4,6	4,9			
Rio Gde do Sul	3,8	3,9	4,1	4,1	3,9	4,0	4,3	4,7	5,1	5,3	5,6	5,8			
Rondônia	3,4	3,4	3,5	3,7	3,4	3,6	3,8	4,2	4,6	4,9	5,1	5,4			
Roraima	3,4	3,7	3,7	3,7	3,5	3,6	3,9	4,3	4,7	4,9	5,2	5,4			
Santa Catarina	4,3	4,3	4,5	4,9	4,3	4,5	4,7	5,1	5,5	5,7	6,0	6,2			
São Paulo	4,2	4,3	4,5	4,7	4,2	4,4	4,6	5,0	5,4	5,6	5,9	6,1			
Sergipe	3,0	3,1	3,2	3,3	3,1	3,2	3,5	3,9	4,3	4,5	4,8	5,1			
Tocantins	3,4	3,7	3,9	4,1	3,4	3,6	3,8	4,2	4,6	4,9	5,1	5,4			

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=2131651>

TABELA 15

Alunos com aprendizado adequado vs. metas para 2011 (%)						
5º ano do ensino fundamental						
■ Atingiu meta ■ Não atingiu meta ■ Atingiu dentro da margem de erro						
	Português			Matemática		
	Escolas públicas	Total	Meta 2011	Escolas públicas	Total	Meta 2011
Brasil	36,2	40	42,2	32,4	36,3	35,4
Acre	32,7	36,2	40,6	24,8	27,9	25,4
Alagoas	13,1	21,3	27,6	10,2	16,4	20,5
Amapá	17,3	21,7	31,6	9,6	13,2	19,6
Amazonas	27,6	32,8	29,5	21,8	26,2	24,5
Bahia	20,2	29,4	32	15,4	24,6	24,2
Ceará	32,8	38,7	36,8	26,4	31,9	24,5
Distrito Federal	51,9	57,9	57	47	53	52,9
Espírito Santo	40,5	45,1	47,3	36	41,5	39,8
Goiás	42,1	46,9	44	34,9	40,4	35,7
Maranhão	15,5	21,8	27,6	10,1	15,1	18,2
Mato Grosso	32,4	36	35,9	26,6	30,8	27,2
Mato Grosso do Sul	43,5	48,3	40,2	38,5	43,7	31,9
Minas Gerais	51,5	55,1	54,9	49,7	53,7	51,2
Pará	20,3	26,4	32,4	13,3	18	16,1
Paraíba	22,8	29,4	31,8	17,6	23,5	24,9
Paraná	45,2	49,2	48,1	45,2	49,4	46,7
Pernambuco	18,8	28	32,3	15,1	23	29,4
Piauí	24,1	32,6	28,8	18,1	26,1	21,4
Rio de Janeiro	40,9	48,7	49,1	38,2	45	40,1
Rio Grande do	20,2	28,7	24,9	14,4	21,8	19,2
Rio Grande do Sul	42,5	44,4	48,1	37,8	39,1	38,1
Rondônia	31	36	36	26	30,3	23,8
Roraima	27	32,2	35	19	24,3	26,5
Santa Catarina	50,5	52,9	46,7	47	49,9	36,3
São Paulo	44,1	49,1	52,4	41,7	47	43,9
Sergipe	17	27,3	33,2	12,9	23,4	24
Tocantins	33,4	36,6	29,8	28,2	31,2	23,8

*Fonte: Todos Pela Educação portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes_compromisso.

TABELA 16

Alunos com aprendizado adequado vs. metas para 2011 (%)						
9º ano do ensino fundamental						
■ Atingiu meta		■ Não atingiu meta		■ Atingiu dentro da margem de erro		
	Português			Matemática		
	Escolas públicas	Total	Meta 2011	Escolas públicas	Total	Meta 2011
Brasil	22,2	27	32	11,7	16,9	25,4
Acre	17,8	21,1	27,2	8,1	10,8	13,2
Alagoas	8	13,4	18,1	3,6	8,2	14,8
Amapá	12,8	17	24	3,6	6	10,6
Amazonas	16,4	20,3	17,5	7,6	10,5	13,4
Bahia	12,6	19,6	26,1	5,6	11,4	18
Ceará	17,5	24,4	21,5	9,2	14,5	18
Distrito Federal	27	36,2	42	15,8	24,4	39,2
Espírito Santo	25,5	31,9	33,3	15,7	22,5	29,5
Goiás	21,9	27,3	29,3	10,5	16	19,8
Maranhão	11	16,1	20,8	4,4	8,2	13,6
Mato Grosso	19,1	23,4	23,1	8,9	12,8	15,4
Mato Grosso do Sul	26,6	30,4	33,9	15	18,4	23,7
Minas Gerais	33	37,5	36,6	21,9	27,1	33,7
Pará	13,4	19,4	25,3	4,9	8,6	13,7
Paraíba	12,5	18,8	21,9	5,4	10,6	15,6
Paraná	25,3	29,6	29,5	13,8	18,8	28,5
Pernambuco	11,9	18,3	22,1	5,7	11,2	17,8
Piauí	14,7	23,2	25,2	8,9	17,7	21,7
Rio de Janeiro	25,1	33,8	36,4	13,6	23,4	27,4
Rio Grande do	13	21,1	23,5	6,4	13,4	17,7
Rio Grande do Sul	28,2	31,8	39	17,2	21,4	32,9
Rondônia	19,8	24,5	31,5	10,5	13,5	25,8
Roraima	15,3	18,6	28,2	6,8	9,5	18,3
Santa Catarina	27,8	32,2	39,6	16,8	21,8	29,9
São Paulo	26,1	32,4	37	12,4	19,3	28
Sergipe	12,6	20,2	30	7,1	13,7	23,5
Tocantins	19,5	22,8	21,9	10,6	13	11,3
Sergipe	17	27,3	33,2	12,9	23,4	24
Tocantins	33,4	36,6	29,8	28,2	31,2	23,8

*Fonte: Todos Pela Educação portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes_compromisso.

TABELA 17

Alunos com aprendizado adequado vs. metas para 2011 (%)						
3º ano do ensino médio						
■ Atingiu meta ■ Não atingiu meta ■ Atingiu dentro da margem de erro ■ Margem de erro						
	Português			Matemática		
	Escolas públicas	Total	Meta 2011	Escolas públicas	Total	Meta 2011
Brasil	23,3	29,2	31,5	5,2	10,3	19,6
Acre	16,3	19,2	26,1	2,2	3	12,4
Alagoas	8,8	15,4	23,8	1,4	4,9	16,7
Amapá	15,3	20	28,6	1,9	3,9	8,7
Amazonas	16,6	20,3	12,2	2,8	4,3	7,7
Bahia	17,2	21,6	23,1	2,8	5,3	13,7
Ceará	17	24	28,9	2,9	9	21,5
Distrito Federal	30,3	40,3	48,5	7,9	15,8	33,9
Espírito Santo	23,2	29,4	34,6	7,6	14,1	22
Goiás	20,8	26,3	26,2	3	8,4	22,8
Maranhão	11,8	15,3	16,7	1,6	3,3	10,8
Mato Grosso	18,4	24,4	30,2	2,6	7,4	17
Mato Grosso do Sul	32,3	37,6	38,5	8,2	12,7	25,2
Minas Gerais	29,7	35,6	37	9,7	15,4	29,8
Pará	23	26,1	22,3	2,3	4,5	9,8
Paraíba	14,1	21,5	20,4	2,3	6,8	16,3
Paraná	24,2	31,9	34,5	6,6	14,2	25,8
Pernambuco	13,8	20,1	25,1	3,5	7,7	15,4
Piauí	11,1	18,8	25,2	2,9	8,5	23,9
Rio de Janeiro	28,9	38,1	32,5	8,9	16,6	20,4
Rio Grande do Norte	12,2	18,2	23,5	2,2	5,9	14,5
Rio Grande do Sul	30,4	36,3	42,2	8,4	14,1	29,5
Rondônia	20,5	24,2	29,2	4,5	6,7	17,6
Roraima	15,2	20,2	27,8	2,2	4,7	13
Santa Catarina	28,7	35,5	34,6	7,8	14,5	25
São Paulo	29,8	35,9	34,4	5,7	11,4	24,8
Sergipe	13,8	20,4	30	2,8	6,2	22,2
Tocantins	16,7	20,2	21,3	2,5	5,2	14

*Fonte: Todos Pela Educação portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes_compromisso.

APÊNDICE I – Questionário de entrevistas com os alunos.

NOME ALUNO:	IDADE:
NOME PAI:	SÉRIE:
ESCOLA:	TURNO:
1) Quanto a cor de sua pele ou raça, você se considera:	
[] Branco [] Preto [] Amarelo [] Parda [] Indígena	
2) Quanto a sua classe social, você se considera:	
[] Classe alta [] Classe média [] Classe baixa [] Abaixo da linha de Pobreza	
3) Em sua opinião, qual a matéria é considerada mais difícil:	
[] Português [] Matemática [] Física [] Química [] Ciências [] Humanas	
4) O Brasil tem um sistema de avaliação do seu ensino Fundamental e Médio, na avaliação do ENEM, se avalia as matérias de Matemática, Português e Ciências. O Enem se refere a avaliação do:	
[] O ensino Básico [] O Ensino Fundamental [] O Ensino Médio [] O Exame Nacional do Ensino de Matemática [] O Exame Nacional de Ensino de Português	
5) Em sua opinião, qual matéria deveria ser suprimida na reforma do Currículo do Ensino Médio	
[] Português [] Matemática [] Física [] Química [] Ciências [] Humanas	
6) Você considera o sistema de avaliação por notas (Notas de 0 a 10)	
[] Eficiente [] Bom [] Ruim [] Desigual [] Não prefiro este sistema [] Não sei	
7) Em sua opinião qual a matéria que deveria ter seu tempo de aula aumentado:	
[] Português [] Matemática [] Física [] Química [] Ciências [] Humanas	
8) Você considera o sistema de Avaliação Emancipatória (CSA , CPA , CRA)	
[] Eficiente [] Bom [] Ruim [] Desigual [] Não prefiro este sistema [] Não sei	
9) Seus pais conferem ou questionam sobre seu aprendizado	
[] Sim [] Não [] Às vezes [] Nunca [] Somente final do ano	
10) Em sua opinião, o processo MERITOCRÁTICO de avaliação no Ensino Básico deve:	
[] Ser mantido [] Ser suprimido [] Ser facilitado [] Ser mais rígido [] Não sei o que é	
11) Com referência a disciplina dentro das escolas (Bulling , agressão , violência , etc) em sua opinião ela:	
[] Aumentou [] Diminuiu [] Não tem indisciplina [] Tem, está aumentando [] Tem, está diminuindo	
12) Com relação ao Ensino Politécnico, em sua opinião ele:	
[] É importante [] Não é importante [] Está me ajudando [] Não está ajudando [] Não sei	
13) Em sua opinião, a educação Brasileira é: (Qualidade do ensino)	
[] Boa [] Ruim [] Média [] Razoável [] Insuficiente	
14) Em sua opinião, os professores nesta escola são:	
[] Bons [] Ruins [] Médios [] Razoáveis [] Insuficientes	
15) Em sua opinião, você considera a escola que você estuda:	
[] Boa [] Ruim [] Média [] Razoável [] Insuficiente	

APÊNDICE II – Entrevistas com professores

A) Escola A – Sapucaia do Sul.

Professor “A” – Biologia - Falta de interesse alunos - falta sentido para o aluno - valorização - corrida entre o professor e o aluno - aprender junto - aceitar as dificuldades que aí estão - da aos alunos as avaliações de qualquer jeito por imposição de cima sem uma percepção de contexto - MEC e SEC jogam os sistemas de avaliação no nosso colo, agente joga no colo do aluno, o aluno faz aquilo ali sem o menor interesse , a gente pega aquilo ali sem o menor interesse de olhar, e as coisas não andam - devemos olhar para a avaliação sem que seja um instrumento de culpabilizar alguém, mas como um instrumento de auxílio - dificuldades no ensino, difícil de mudar - escola era mais humana - há muita indisciplina - não há mais respeito - não se tem mais valores - parece não ter mais respeito dentro das famílias - desestrutura familiar - falta limites de formação humana - inversão dos papéis na família - dão tudo do melhor aos filhos e acham que é o suficiente mas não dão carinho - quantas vezes os pais se mandam calar a boca - há um choque com a minha educação, não aceito desrespeito e que um aluno me mande calar a boca - alguém tem que dar limites aos alunos de hoje - os pais sabem disto quando são chamados mas são problemas que eles não resolvem dentro de casa - os pais sempre tem uma desculpa para não vir para a escola - valorização do professor - trabalhar em várias escolas para se manter.

Professor “B” – Ensino de Educação Pública e supervisora do pacto - Falta o professor se atualizar - reencantamento - falta sentido para o professor - um desencantamento , valorização - dificuldade de nós aceitarmos uma realidade - engessamento - queremos que o aluno seja o que a gente era - enfrentamento dos alunos, questionamentos dos alunos - acesso a informação globalizados, alunos querem estar mais a frente que nós - corrida entre o professor e o aluno - dar as mãos e aprender junto - aceitar as dificuldades que aí estão - da aos alunos as avaliações de qualquer jeito por imposição de cima sem uma percepção de contexto - MEC e SEC jogam os sistemas de avaliação no nosso colo, agente joga no colo do aluno, o aluno faz aquilo ali sem o menor interesse , a gente pega aquilo ali sem o menor interesse de olhar, e as coisas não andam - devemos olhar para a avaliação sem que seja um instrumento de culpabilizar alguém, mas como um instrumento de auxílio - dificuldades no ensino - difícil de mudar - escola era mais humana - valorizar o professor e a escola - fazer a escola como espaço de construção de conhecimento - pais olhar junto com os educandos as mudanças sociais - parceria pais e escolas - há muita indisciplina, não há mais respeito - falha

de formação humana e acompanhamento dos jovens - falta limites de formação humana - os pais perdem a oportunidade de educar , a educação é o dia a dia - quantas vezes os pais se mandam calar a boca - falta organização familiar - há um choque com a minha educação, não aceito desrespeito e que um aluno me mande calar a boca - se o aluno não consegue me respeitar enquanto referencia fica difícil dialogar - alguém tem que dar limites aos alunos de hoje - os pais sabem disto quando são chamados mas são problemas que eles não resolvem dentro de casa - escola achar uma brecha para dialogar com a comunidade - criar espaços é muito complicado trazer a família para dentro da escola - as famílias estão cada vez mais se distanciando da escola - programa do governo escola aberta - programas sociais do governo professores fazem destes programas os seus empregos - isto não é um trabalho ou emprego, atende várias escolas ao mesmo tempo sem atingir a verdadeira proposta - estas pessoas vivem só desta bolsa sem atingir a verdadeira proposta - e educação está muito equivocada - não há um foco - currículo mais próximo - pensar o que é cada educação para cada série – pegar o livro didático e fazer um plano de estudo totalmente descolado da realidade atual – está tendo um avanço nas provas de avaliação – as provas estão conseguindo acompanhar a realidade dos alunos – os professores não olham a realidade – engessamento do professor – carga horária não adequada – pacto pelo fortalecimento do ensino médio – mas os professores não conseguem estar nas reuniões – os professores não se esforçam – vai mudar governo, vai mudar tudo - se acostuma sempre a fazer as mesmas coisas - existe um descrédito em relação a educação - infreqüência devido aos trabalhos do aluno, por isto o avanço não acontece e se acontece é com defasagem – EJA está ficando esvaziado por que não tem muito sentido para os alunos - quando o processo que foi colocado chega as bases chega totalmente torto “programas” - a escola quer hoje um aluno crítico, mas com os problemas familiares ; mas as escolas tem diferentes modelos de avaliação, diferentes modelos de educação – escolas com nomenclaturas diferentes - criar uma unidade - propostas chegam e chegam errado, daí retorna e atrasa, por exemplo o pacto – o RS nunca cumpriu a LDB e existe desde 1996, está cumprindo a partir de 2013 -

Professor “C” – Lingua e Artes - Os alunos entender este espaço para desenvolvimento e não só um espaço que eles tem que ir, eles tem que entender que é um espaço para eles se desenvolverem, não só físico para outras relações - a maioria vem pó vir - o aluno não participa, estão na escola contra a vontade deles - há muita indisciplina, não há mais respeito - parece não ter mais respeito dentro das famílias - os pais querem muitas coisas e esqueceram dos filhos - dão tudo do melhor aos filhos e acham que é o suficiente mas não dão carinho -

professores que são da grade não são os que trabalham com estes programas : escola aberta e mais educação - teria que ter um grupo que trabalhasse sempre com estes programas - parece que tudo é a questão do dinheiro .

Professor “D” – História e Filosofia – Não há uma baixa qualidade do ensino – o Brasil teve algum avanço, o que falta é uma revolução cultural – uma política de acesso a informação e bens culturais – não há pessoas que pensem – falta mão de obra qualificada – o Brasil desenvolvido econômico e falta mão de obra – papel do ensino médio e´ formar o cidadão pensante e isto não está ocorrendo – aflição de bens culturais, são medíocres – educadores se acomodando – a escola está descolada da realidade – estão na escola e no mercado de trabalho – a escola não consegue dar resposta ao mundo exterior – o que é cobrado do aluno – não se observa o que é importante para o futuro – professores engessados dentro de uma proposta – currículo separado por gavetas, trabalham de forma descontínua, trabalhando mesmo tema em séries diferentes – o aluno tem que começar a perceber a interrelação entre os assuntos das matérias – professor tem que ser criativo – utilizar a indisciplina dos alunos a seu favor – conflito de gerações com referencia a indisciplina.

Professor “E” – Matemática – Há um desinteresse dos alunos – Jogam currículos para o professor e o professor tem que repassar aos alunos – novo ensino médio está deixando os alunos fracos, tem que saber 50% somente do conteúdo - utilização da tecnologia para fazer as atividades, não pensam – professor tem autonomia nas salas de aula – não temos respostas dos alunos nas salas de aula – imposto de que se aluno acertar 50% deve ser aprovado – os alunos não estão com nível adequado – professores com mãos atadas – é mais fácil aos alunos dizerem que não entenderam do que ir atrás aprender – a avaliação emancipatória ajudou a levantar o nível de aprovação, mas não de aprendizagem – não que o professor tenha que ser a autoridade máxima, mas o professor perdeu o poder dentro das salas de ala.

Professor “F” – Física – Aluno sem o conhecimento básico no ensino médio – alunos não conseguem desenvolver raciocínio – o conhecimento é gradativo, como chegam com deficiência, então a base é fraca – deixa uma questão se os professores são despreparados – 90% dos meus alunos talvez não vão utilizar os conteúdos de física, por falta de investimento em pesquisa no Brasil – facilitar o currículo não é o caminho – existir um projeto de reeducação e incentivo as áreas de exatas – reduzir a taxa de reprovação para cumprir metas políticas, isto irá causar a longo tempo uma degradação maior na aprendizagem – crianças com menos limites – sociedade não vai se sustentar se continuar desta forma – talvez em

futuro tenha que se colocar um controle mais rígido – não temos hoje nada em sentido contrário – profissionais da área pedagógica são instruídos a não forçar os alunos – aqui na escola não há indisciplina, mas em outras escolas ouvimos dizer que é terrível – não podemos ser mais duro com o aluno – avaliação emancipatória foi um retrocesso – se a escola tem a função de preparar o aluno para a vida o aluno tem que ser cobrado – orientações vem de cima e os professores não são escutados ou consultados sobre estas diretrizes – coisas que funcionam bem na teoria mais na prática não é bem assim.

Escola B – Porto Alegre

Professor “A” – História - Tem que ver o que é escola de qualidade, se for a que quantifica, sim estamos com uma escola de baixa qualidade – A educação está investindo muito – Em nossa época não era assim – educadores desmotivados – baixo salarial – o professor se vê desmotivado por que não tem o reconhecimento da sociedade – muitas pessoas dão palpites sobre educação (RBS por exemplo) – os educadores deixaram de discutir a educação e deixou para a iniciativa privada – a escola quer mão de obra qualificada? – O que é qualidade na educação? – Não esta tão ruim a educação – A avaliação vai ser um reflexo do que o professor faz na sala de aula – temos que discutir currículo, metodologia ou não se discute avaliação – Para melhorar passa pela formação de professores – Necessita maiores cadeiras de pedagogia para melhor os professores.

Professor “B” – Português - Ausência da família na escola – Políticas das educação estão erradas – Currículo prescrito de cima para baixo tirando a autonomia do professor – Educação se faz atendendo as necessidades da sociedade – Os alunos não sabem ler e escrever e são obrigados a fazerem o politécnico por exemplo – As provas de avaliação estão erradas – quem te que fazer a avaliação é a comunidade que tem que fazer – CAT está errado – As crianças precisam de um boa educação fundamental que não tem – O ensino politécnico está errado, exige metodologia de trabalho científico para um aluno que não sabe ler – Há bastante verba para as escolas – Professores tem que seguir seminários integrados – Professores estão se tornando robôs com manuais prontos, impostos de cima para baixo – Incoerência do governo – Os professores não precisam de um currículo prescrito – discussão de abobrinhas dentro das faculdades, lá dentro da UFRGS – muitos alunos que já passaram na cadeia – com este tipo de Politécnico o governo está ajudando a afastar o aluno das escolas – qual é o objetivo no nível, básico: Ler e escrever e interpretar.- alunos com dificuldades de interpretar – discurso preparado para colocar goela abaixo do professor – não olham o problema da educação a nível

de aluno – alunos são analfabetos funcionais – currículos tem que ver a realidade da escola – a base é o ensino fundamental, o que não temos hoje – não precisa professores, baixa dar os manuais e a internet – alunos não usam parágrafos, acentos – escola de 1000 alunos, de 6 a 8 vão para a faculdade - evasão escolar assustadora nos últimos quatro anos - evasão escolar é muito grande, outro problema – falhas dos órgãos competentes e que o governo não interfere para que isto aconteça – imposições do governo para os professores- professores limitados e engessados com as políticas do governo – falta as esferas de cima ouvir os professores – Problemas de telefone direto na sala de aula -

Professor “C” – Geografia - Tem uma baixa qualidade da educação, mas começa por casa e depois passa para a política na escola - evasão escolar é muito grande, outro problema – falta suporte de outras instituições para com a escola – A política tem uma grande parcela de culpa

Professor “D” – Literatura – Alunos não tem leitura – Alunos dizem que chutam quando tiram notas boas – os alunos não leem a prova – não há uma baixa qualidade da educação por que sou eu que dou aula – a absorção, assimilação, retenção compreensão do aprendizado não é mais comigo – falta de interesse dos alunos – não compreendem o que o professor passa para eles – no 3º ano eles começam a perceber, mas agora é tarde – Os alunos perguntam para que literatura no ensino – muita violência dentro das escolas – questão de sobrevivência dos alunos – esta violência desestimula os alunos a frequentarem também a escola – esta violência não aparece em jornais ou estatísticas.

Escola C – Alvorada

Professor “A” – História – vários fatores para a baixa qualidade – as universidades não estão preparando adequadamente os professores – os contratos emergenciais para professores também é um problema, profissionais que não estão preparados para dar as aulas – Os pais não dão mais valores à escola – Pais e escolas trabalhavam em benefício dos alunos – O aluno está por conta e vai para a escola obrigado – Cai a qualidade do aluno ensino/aprendizado – Acontecendo várias reprovações é muito caro para o estado por diversos fatores – forma de resolver isto por parte do governo é aprovar os alunos forçosamente – Alunos não conseguem analisar os textos – não sabem escrever o Português – os alunos tem inteligência mas são incapazes para o resto – isto atrapalha também as matérias de exatas – a cada ano reduz mais a qualidade da educação – os alunos vem para a escola de uma forma desestruturada dos pais

de casa – deveria ser aplicado o turno integral – investir mais em escola e professores – valorização do professor - professores sugerem uma farmácia dentro das escolas referente ao nível de problemas – professores não leem mais por que não em tempo – a cultura do professor fica somente no conteúdo de aula – os professores não conseguem ver o mundo globalizado – todos os professores tomam remédio tarja preta,

Professor “B” – Português e Inglês – Tem uma baixa qualidade – muitas turmas e muitos alunos dentro da sala de aula – falta tempo para preparar aulas para alunos com déficit – muita cobrança de aprovação obrigatórias – os professores tem que cumprir certas porcentagens – Falta de tempo para o planejamento – os alunos se veem obrigados a ir para a escola – os alunos não vão por que será bom para o futuro – Dar uma “chamada” tanto nos jovens como nos professores, pois ambos são culpados – para os professores o problema é que são “podados” – apesar de baixo o salário não é influência para uma baixa qualidade da aula.